

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: INVESTIGANDO RELAÇÕES ENTRE O
INCONSCIENTE E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

BOLSISTA: Fernanda Priscilla Pereira da Silva, FAPEAM

**MANAUS
2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**RELATÓRIO PARCIAL
PIB –H/0058/2010 - FAPEAM**

**PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: INVESTIGANDO RELAÇÕES ENTRE O
INCONSCIENTE E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

**Bolsista: Fernanda Priscilla Pereira da Silva, FAPEAM.
Orientador: Prof. Msc. Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira.**

**MANAUS
2010**

RESUMO

Apresenta-se aqui uma pesquisa qualitativa de iniciação científica – PIBIC/UFAM, realizada em uma escola da rede pública estadual na cidade de Manaus, teve como objetivo geral investigar junto aos profissionais da educação (gestores, pedagogos e professores) de uma escola de rede pública estadual quais os significados atribuídos ao inconsciente em sua relação com o processo de ensino-aprendizagem. E objetivos específicos: (i) analisar os significados do inconsciente para professores, pedagogos e gestor de uma escola pública estadual; (ii) identificar as possíveis correlações entre o inconsciente e o processo de ensino-aprendizagem na escola pesquisada. Tendo em vista que a conjunção entre psicanálise e Educação já assumiu diversas formas entre os teóricos, fez-se um levantamento teórico que vai desde as referências de Freud a educação até as recentes publicações sobre o tema, levando em consideração as transformações por que têm passado ambos os campos em suas teorias e práticas. Evidenciou-se também o histórico do processo de ensino-aprendizagem na educação brasileira e a conceituação da categoria de significado numa abordagem sócio-histórica e de inconsciente para a psicanálise. A obtenção dos dados ocorreu com entrevistas individuais que partiram de dez questões norteadoras, das quais surgiram alguns desdobramentos que possibilitaram alcançar os objetivos propostos. As entrevistas foram realizadas com catorze sujeitos, sendo onze professores e três profissionais da equipe técnica. A análise dos dados foi feita com base análise de conteúdo, proposta por Bardin, a partir da qual visou os núcleos de significação, proposto pela Psicologia Sócio-Histórica. Os dados foram agrupados em seis núcleos de significação: (a) história de vida: o controle do inconsciente, em que o inconsciente foi conceituado negativamente como expressão de imaturidade psíquica e frente ao qual se deve ter maturidade a fim de conseguir controlá-lo; (b) inconsciente: fomento do laço social, onde o inconsciente foi visto como algo que se inscrevia nas relações interpessoais de diversas maneiras; (c) formação acadêmica e formação continuada: o inconsciente em questão, onde evidenciaram-se os posicionamentos quanto a validade desse tema para formação dos participantes (d) inconsciente: uma variável a mais no contexto escolar, onde o inconsciente foi evidenciado como um aspecto que os professores devem considerar no fazer pedagógico; (e) inconsciente: um registro, é uma instância onde se registram fatos positivos e negativos, tendo diversos desdobramentos na vida; (f) sexualidade e inconsciente, onde inconsciente e sexualidade foram expressões negativadas no contexto escolar. Evidenciou-se que há o reconhecimento da importância do inconsciente para o processo de ensino-aprendizagem, apesar de o acesso deles ao saber psicanalítico ser ainda muito incipiente. Neste sentido, apreende-se que os possíveis benefícios que a psicanálise pode trazer ao campo educativo ainda não têm sido usufruídos no contexto da escola pesquisada. Pensa-se, porém, que a elucidação desse saber prático sobre o inconsciente pode contribuir para o aprofundamento dessa temática no campo do fazer pedagógico no cotidiano.

Palavras chave: inconsciente; processo de ensino-aprendizagem; significados.

SUMÁRIO

RESUMO	2
INTRODUÇÃO.....	4
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
1.1 A Psicanálise em sua interface com a pesquisa	10
1.2 Processo de ensino-aprendizagem: história e conceituação.....	13
1.3 Psicanálise e Educação: um trajeto de (des) encontros.....	16
1.4 Inconsciente: um conceito criado e desenvolvido pela psicanálise.	20
1.5 Inconsciente e processo de ensino-aprendizagem.	21
1.6 Categoria de significado	25
2. METODOLOGIA.....	27
2.1 Tipo de pesquisa	27
2.2 Local da pesquisa.....	27
2.3 Sujeitos da pesquisa	27
2.4 Instrumentos e procedimentos	28
2.5 Análise dos dados	29
RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
a. História de vida: o controle do inconsciente.	30
b. Inconsciente: fomento do laço social.....	37
c. Formação acadêmica e formação continuada: o inconsciente em questão.....	42
d. Inconsciente: uma variável a mais no contexto escolar.....	51
e. Inconsciente: um registro.....	58
f. Relação entre sexualidade e inconsciente.....	62
Significação que perpassa: O inconsciente enquanto algo negativo e relacionado à ideia de controle.	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
ANEXOS	74

INTRODUÇÃO

A Educação é um dos campos de atuação da Psicologia que tem alcançado um amplo desenvolvimento no Brasil, o que concorre para estabelecer um laço entre as produções de Pedagogia e Psicologia. Paralelamente a isso, muitos psicanalistas têm apresentado inquietações, produções e publicações acerca da Educação, seja em decorrência de sua relevância para a clínica, seja devido à importância em que esta possui no contexto em que o sujeito se desenvolve e constitui como tal ou ainda devido aos investimentos libidinais que se deposita nesta.

Neste sentido, esta pesquisa partiu de uma perspectiva multidisciplinar, procurando aproximar a Pedagogia e o saber psicanalítico, a fim de buscar respostas para algumas questões levantadas durante a graduação em Pedagogia e a partir do contato com a prática educativa e com alguns textos de abordagem psicanalítica. Além disso, fez-se o levantamento de significados tendo como base as formulações da Psicologia Sócio-histórica, evidenciando-se, porém, que não se discorreu sobre as teorias de modo completo, mas sim se utilizou de recortes epistemológicos na tentativa de vislumbrar algum tipo de esclarecimento acerca do objeto de estudo pesquisado, qual seja o inconsciente no processo de ensino-aprendizagem.

Para este fim, refletiu-se acerca da história da psicanálise e do percurso do processo de ensino-aprendizagem no Brasil, da relação da psicanálise com a Educação, da relação do inconsciente com o processo de ensino-aprendizagem e da construção sócio histórica dos significados.

O currículo da graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Amazonas aborda temas que dizem respeito à escola, como instituição social, e às relações mantidas pelos agentes envolvidos no processo de ensinar e aprender. Algumas de suas disciplinas respondem pelos fundamentos filosóficos, políticos, sociais e legais do ensino, com ênfase no desenvolvimento histórico da escola e no perfil sociológico e antropológico da clientela; outras abrangem aspectos teórico-metodológicos que visam a instrumentalizar a prática docente. Neste universo em que se busca compreender a escola no tempo histórico e nas circunstâncias imediatas da ordem social, bem como discutir as bases epistemológicas da pedagogia, apresentam-se conteúdos pertinentes às produções da psicologia, a fim de sustentar a relação entre o professor, os alunos e o conteúdo a ser aprendido. Disto apreende-

se que o processo de ensino-aprendizagem ocupa posição central na formação e atuação pedagógica dos profissionais da educação.

No que concerne ao processo de ensino-aprendizagem, este é abordado pela Pedagogia de forma diferenciada conforme as abordagens didáticas, desde a tradicional, passando pela Escola Nova, Comportamentalismo, Cognitivismo, outras asserções paralelas até a abordagem Sociocultural. Sendo esta última a ser considerada por este estudo. Nesta abordagem educacional, cujo principal expoente no Brasil é Paulo Freire, enfatiza-se que a atividade humana é mediada e nela tem sido investigado o desenvolvimento humano dentro das práticas culturais dos grupos, que supõem o uso de diferentes formas de mediação. A partir desta orientação, entende-se que os mediadores – instrumentos, signos, práticas culturais – são carregados de significações culturais. (RIBAS e MOURA, 2006).

As conjecturas de Paulo Freire apresentam preocupação com a cultura popular, sendo ela enfatizada nos aspectos sociais, político e cultural. Há aqui o cuidado em trazer para a sala de aula as diferentes culturas dos alunos, de forma a trabalhar no coletivo, visando assumir e não somente consumir esses valores, considerando e transformando a visão do homem diante do mundo, caracterizando-se assim a estratégia de ensino do professor segundo esta abordagem. Neste sentido, são elementos cruciais do processo de ensino-aprendizagem a cultura, educação e ação educativa. (MIZUKAMI 1986).

Partindo das ideias de Freire, tem-se que a educação apresenta-se como uma relação entre o professor e aluno mediada pelo conteúdo. Desta forma o conteúdo não é absolutamente secundário, nem o ponto central: é o elemento que permite a relação educativa entre educador e educando. (FREIRE, 1989)

No que concerne ao pronunciamento dos órgãos públicos responsáveis pela educação, encontra-se no documento intitulado Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, publicado no Diário Oficial da União – DOU – pelo ministério da Educação – MEC – em julho de 2010, a seguinte afirmativa:

No Ensino Fundamental, acolher significa também educar, como forma de garantir a aprendizagem dos conteúdos curriculares, para que o estudante desenvolva interesses e sensibilidades que lhe permitam usufruir dos bens culturais disponíveis na comunidade, na sua cidade ou na sociedade em geral, e que lhe possibilitem ainda sentir-se como produtor valorizado desses bens. (MEC, 2010).

A qualificação almejada pelos órgãos públicos coloca também, no centro do debate, as atividades escolares de ensino e aprendizagem e a questão curricular como de inegável importância para a política educacional da nação brasileira. De forma complementar a isso, no que tange a responsabilidade de desenvolver e facilitar este processo, o documento defende que:

No geral, é tarefa da escola, palco de interações, e, no particular, é responsabilidade do professor, apoiado pelos demais profissionais da educação, criar situações que provoquem nos estudantes a necessidade e o desejo de pesquisar e experimentar situações de aprendizagem como conquista individual e coletiva, a partir do contexto particular e local, em elo com o geral e transnacional. (MEC, 2010)

Dentro mesmo da perspectiva oficial do Estado, o que seria, pois, capaz de estabelecer estas situações que provoquem o desejo de experimentar situações de aprendizagem? Sobre esta questão Camargo (2006) coloca que não há teorias pedagógicas que possam conjeturar as implicações dos métodos educativos tendo em vista que o instituinte do laço entre a medida pedagógica e os resultados obtidos é o inconsciente do pedagogo e do aluno.

É partindo deste ponto que se iniciou o levantamento das considerações no âmbito da Psicanálise direcionadas à Educação. Muitas foram as tentativas de interface entre as duas áreas, onde se produziram muitas hipóteses e discussões, iniciando com Freud, que posiciona a educação dentre as profissões impossíveis, ao lado da psicanálise e da arte de governar, pois segundo ele, as três repousam sobre os poderes que um homem pode exercer sobre o outro mediante a palavra, e as três encontram os limites de sua ação devido ao fato de que não se submete o Inconsciente – pois é ele que nos sujeita (MILLOT 1987, p.151).

Segundo Jerusalinsky (1999), a conjunção entre psicanálise e Educação já conheceu inúmeras formas, desde aquela própria ao otimismo que assolou o movimento psicanalítico na década de 1920, confiante nos auspícios de uma educação psicanaliticamente esclarecida, conforme os melhores ideais iluministas. O autor revela que Freud mesmo não pretendeu ocupar-se de tal tema, deixando-o ao encargo de sua filha, que, dedicando-lhe a obra de toda sua vida, pôde, segundo ele afirma, compensar a falha paterna. A retórica de Freud, segundo o autor, não deixa de ilustrar aquilo que faz questão tanto aos métodos educativos quanto à formação do psicanalista: o fato de que, ao ensinar, o que se transmite é, justamente, o que falha, mais além de um saber.

Foi com a eclosão da Segunda Guerra que, de um lado, esfriou o otimismo no seio da psicanálise e, de outro, permitiu a expansão e difusão da teoria psicanalítica pelo mundo. A ciência judaica da Viena do início do século XX tornou-se patrimônio cultural da civilização ocidental. Seus conceitos mais caros passaram ao domínio público, sendo apropriados pelos discursos hegemônicos do saber. A junção entre Psicanálise e Educação recebeu aí uma nova torção, onde a teoria psicanalítica via-se degradada numa psicologização das relações de aprendizagem (ABRÃO, 2010).

As publicações que pretendem fazer o laço entre psicanálise e Educação que foram tomadas como norteadoras para este estudo não defendem que uma educação psicanaliticamente orientada pode livrar a infância de sua neurose. A fim de ilustrar esta afirmativa, tomamos a fala de Jerusalinsky (1999), segundo a qual “a esperança de S. Freud de que a psicanálise podia contribuir para que nossas crianças fossem menos neuróticas do que seus antecessores certamente fracassou.”

No desenrolar dessas articulações, a Educação e a psicanálise percorrem um complexo caminho, entrelaçando seus saberes sobre o funcionamento do ser humano, o que permitiu o levantamento de questões relacionadas ao desenvolvimento humano, à relação de transferência aluno-professor, ao prazer em aprender, à terapêutica da Educação, à linguagem etc. Assim, no decorrer do tempo, a psicanálise – como corpo teórico – e a Educação – como discurso social – imbricaram-se em um processo de mudanças que afetou tanto uma quanto a outra. O contexto educacional passou por modificações que ultrapassaram as ideias iniciais de Freud e o corpo teórico da psicanálise, por sua vez, não permanece imune à sua saída do divã e à entrada no mundo institucional (KUPFER, 2000).

Assim, segundo Kupfer (1999) não cabe furtar-se ao diálogo, mas deve ser ter em mente que este diálogo exige, contudo, recuperar e salvaguardar as distinções epistêmicas operantes num campo e noutro para, então, vislumbrar uma contribuição possível ao campo da Educação a partir do seu atravessamento pela noção de sujeito de desejo que a psicanálise aporta.

Diante do quadro exposto de produções, articulações e discussões em esfera nacional, é instigante questionar de que forma os profissionais da educação de nossa cidade significam estes saberes? Quais significados têm acerca do inconsciente? De que forma estes significados se relacionam com o processo de ensino-aprendizagem?

A fim de dar conta destes questionamentos, tomou-se voltou-se para o estudo de significados dentro da perspectiva sócio-histórica, “os significados são, pois, produções históricas e sociais. São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas

experiências. Muito embora sejam mais estáveis, ‘dicionarizados’, eles também se transformam no movimento histórico [...]” (OZELLA & AGUIAR, 2006, p. 14).

Nesta perspectiva, tomou-se a categoria de Significados como unidade de análise, partindo do discurso dos sujeitos da pesquisa, conforme Bento (1996) propõe, busca-se um método de pesquisa que estudaria os signos e os significados, nesta pesquisa especificamente os significados, no seio de sua vida social.

A motivação inicial a realização desta pesquisa deu-se pelo fato de a pesquisadora orientanda ter formação em Pedagogia, onde teve breve contato durante a disciplina de Estágio Supervisionado com a prática pedagógica. As discussões levantadas durante a graduação em Pedagogia levam à formação de um conceito de Educação como prestes a um colapso, onde problemas como profissionais desqualificados, fracasso escolar, falta de recursos, dentre outros são entraves a um possível sucesso do processo ensino-aprendizagem, além disso, durante a graduação em pedagogia, não se teve acesso a nenhum tipo de reflexão sobre a atuação do inconsciente no contexto escolar, mesmo em relação à psicanálise, quando é mencionada, é somente de uma forma parca e truncada, de modo que não são muitas as reflexões sobre o tema na Faculdade de Educação.

Isto foi associado à sua atuação nos projetos de extensão “A Criança como Desafio” e “Psicanálise na Cultura”, onde a orientanda teve acesso a alguns textos de abordagem psicanalítica e trabalhou com crianças cujo sofrimento psíquico estava muitas vezes relacionado a transtornos de aprendizagem. De modo que a mesma imbricou-se nesta reflexão e sentiu-se impulsionada a buscar respostas para os questionamentos já mencionados.

Operacionalmente, definiu-se como objetivo geral deste trabalho:

- Investigar junto aos profissionais da educação (gestores, pedagogos e professores) de uma escola de rede pública estadual quais os significados atribuídos ao inconsciente e sua relação com o processo de ensino- aprendizagem.

Como objetivos específicos definiram-se:

- (1) Analisar os significados do inconsciente para professores, pedagogos e gestor de uma escola pública estadual;
- (2) Identificar as possíveis correlações entre o inconsciente e o processo de ensino-aprendizagem na escola pesquisada;

A pesquisa tem o intento de contribuir para uma leitura crítica acerca do inconsciente nas práticas educativas e na educação pública em Manaus. Esta pesquisa não propõe um caminho, nem uma verdade única, ao contrário, tem intuito de possibilitar a abertura para novas perguntas e para que haja reflexão crítica acerca do processo de ensino-aprendizagem;

somente assim os caminhos poderão ser abertos, debatidos, escolhidos e ampliados como um saber futuro.

O relatório aqui apresentado é composto por: (i) introdução, aqui desenvolvida, que teve como objetivos aclarar sobre o percurso teórico para a elaboração da pesquisa, os seus objetivos e sua justificativa, (ii) desenvolvimento onde se apresentará a fundamentação teórica e a metodologia utilizada nesta pesquisa (iii) resultados, onde se expõe os resultados obtidos com a análise dos dados, concluindo-se com algumas discussões e considerações finais.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os elementos constitutivos da fundamentação teórica desta pesquisa podem ser destacados em alguns pontos, quais sejam: a psicanálise e sua interface com a pesquisa; conceituação do processo de ensino-aprendizagem; a psicanálise em sua possibilidade de interface com a Educação, o inconsciente como conceito criado e desenvolvido pela psicanálise, as relações que se estabelecem entre o inconsciente e o processo de ensino-aprendizagem e a categoria de significado desenvolvido segundo a Psicologia sócio histórica.

A opção pela psicanálise como abordagem de pesquisa em um campo educativo se constitui como um desafio e se justifica ao passo que se trata de uma forma de ver a realidade sob a ótica do movimento, do desassossego, da possibilidade de mudança, da luta contra a banalidade político-social que sempre se fez e se faz ponto de reflexão na área educacional. O porque dessa opção teórica de trabalho.

Por outro lado, as condições históricas em que surgiu a corrente Sócio-histórica de Psicologia fizeram com que ela estivesse estreitamente ligada à Educação e preocupada com as questões educacionais, setor fundamental no projeto revolucionário de construção de um novo tipo de sociedade. Antiga no tempo, esta corrente psicológica surge como algo curiosamente novo e em perfeita conformidade, em pontos essenciais, com questões científicas e epistemológicas que são o objeto do debate contemporâneo. (REY, 2003)

1.1 A Psicanálise em sua interface com a pesquisa

Quando se fala em Psicanálise não se pode esquecer sua história, as influências que a determinaram e as circunstâncias nas quais foi criada. Assim, oriunda de pesquisas e conhecimento médico, iniciou-se suas formulações em estudos neurológicos de patologias psicológicas, surgindo para Freud (1996) como um método de pesquisa das neuroses, especificamente um método de tratamento. Porém, com seu desenvolvimento houve uma extensão para outros campos. A descoberta da sexualidade infantil abriu uma perspectiva para a Psicanálise ser um modo de encarar os processos psíquicos que podem ser medidos pelo valor do seu efeito sobre elementos afetivos, sendo essa a especificidade para a mudança de foco da visão da vida psíquica. Um desses campos os quais se faz uso do saber psicanalítico é

nas universidades, em especial a de psicologia. De modo que se tem utilizado esse aporte também para investigações científicas dentro das especificidades reservadas ao modo de construção deste saber.

O tema da pesquisa é, ao mesmo tempo, novo e antigo na psicanálise. Antigo pelas relações que alguns de seus principais autores trilharam na universidade, instituição da qual o termo “pesquisa” provém. Contudo, abordar esse tema demanda sempre que se construam pontes e justificativas, seja para os outros ou para nós mesmos, para a inserção da psicanálise nesse lugar. Constata-se hoje que a criação de Laboratórios e Grupos de pesquisa em psicanálise na universidade é cada vez mais numerosa. São lugares que visam criar as condições para que a produção de psicanalistas possa encontrar vias efetivas de circulação e, também, para que os diálogos entre essas produções possa se dar.

O “novo” na abordagem desse tema diz respeito à necessidade constante de atualizá-lo diante dos contextos e das interlocuções que estão em causa a cada momento, da importância da renovação e da invenção inerentes à pesquisa em psicanálise, e que a justifica, e dos desafios políticos que se apresentam e se renovam.

Podemos afirmar, assim, que há um desafio interno ao campo da psicanálise – a renovação/invenção de seu saber e de sua prática, fundada na particularidade de que, para cada analista, como para cada caso clínico, é necessário reinventar toda a psicanálise novamente. Isso porque o saber psicanalítico tem a peculiaridade de ser especialmente suscetível ao recalque, e é graças a isso que se pode operar para buscar, não um conhecimento, mas a posição de enunciação que situa a produção de um saber singular.

Outro desafio, do ponto de vista de Poli, (2008) que é sempre novo e renovado é o da relação com os pares dentro do espaço universitário. Isso poderia nos levar muito longe, desde considerações históricas sobre a relação da psicanálise com a universidade, até questões do funcionamento burocrático de órgãos reguladores de pesquisa etc. Sem entrar nos detalhes, podemos afirmar que hoje vivemos um momento paradoxal. Por um lado, no Brasil ao menos, a psicanálise nunca teve tanta expressão no meio universitário. Há um número considerável de psicanalistas trabalhando no âmbito acadêmico e que tem uma valiosa produção. Até uns vinte anos atrás, a psicanálise era uma teoria a mais no campo da psicologia e da psiquiatria. Hoje, ela está cada vez menos presente na psiquiatria, mas é ensinada por psicanalistas na psicologia, por meio de seminários, supervisão e orientação de pesquisa. É certo que isso tem efeitos, mesmo que num enquadre de formação acadêmica de psicólogos, e não em uma instituição de formação de analistas.

Criaram-se, nesse caminho, portanto, vias paralelas, às vezes opostas, às vezes

complementares. Em todo caso, lugares distintos. Formalmente, a universidade caracteriza-se pelo tripé ensino, pesquisa, extensão; a instituição analítica tem outro tripé: análise, supervisão, transmissão (Poli, 2008). A oposição ou complementaridade entre esses termos coloca a questão da função que um lugar e uma posição que marcam a diferença presente nestes termos têm para um psicanalista.

Vale lembrar Vale lembrar que, Freud – desde o início, e ao longo de toda a sua obra – incluiu em suas análises expressões individuais e coletivas do inconsciente, estudou-as e conceituou-as quase sem discriminar a sua procedência. Observa-se, portanto, que no trabalho de pesquisa que Freud conduz, esses limites entre singular e coletivo, entre clínica e cultura, dobram-se de um jeito que produz tensões, mas sem perder a permeabilidade. Assim, do ponto de vista epistemológico, baseou-se em pressuposto teóricos da Psicanálise para refletir acerca da dinâmica educacional significa focar os processos intrapsíquicos e o inconsciente como fundamentais na determinação dessa dinâmica. É também, considerar o não-dito como um referente para interpretar os dados e entender o fenômeno investigado.

Para Mendes (2002), a marca em Freud é a dúvida do que está lá, além da consciência, além do manifesto. Essa dúvida tem de estar na base das pesquisas que utilizam os referenciais psicanalíticos. O que está por trás dos comportamentos? Essa é a pergunta. É necessário primeiro investigar o próprio comportamento manifesto, pois ele constitui um caminho para ser desvelado o comportamento latente. Assim sendo, o dado empírico em si mesmo é o ponto de partida para a dúvida, sendo na interpretação desta dúvida que se instala uma epistemologia construtivista-subjetiva e uma metodologia abrangente e lógica nas suas próprias especificidades.

Usar o referencial psicanalítico constitui-se como um desafio, ao passo que muitas vezes pode-se ser considerado um erro associar a uma investigação científica um saber não considerado como ciência. Neste sentido, busca-se nesta pesquisa interpretar um fenômeno educacional a partir de uma rede de significados considerando a escola como uma entidade psicológica. Não se pretende, porém, negligenciar suas formas de funcionamento e processos enquanto instituição. A partir da análise do manifesto, com uso do instrumento de entrevista, espera-se ser captado o significado latente que vai dar um sentido a um contexto específico num determinado momento da prática pedagógica no processo de ensino-aprendizagem.

O pensamento dos pesquisadores aponta que o melhor caminho para desvelar o objeto de estudo na dita abordagem é a captura dessa rede de significados. Para tanto, busca-se a objetividade necessária à ciência, o que não significa a desconsideração da dúvida como lugar do inconsciente e a construção subjetiva do conhecimento a partir da interpretação dos

dados.

Neste sentido, trazemos a fala de Iribarry (2001), que defende a validade da pesquisa psicanalítica sempre que há interpretação das forças subjacentes a uma experiência humana, ou seu produto, quer ela se apresente em relação entre as outras pessoas ou relação individual com qualquer coisa produzida pelo psiquismo humano. Segundo a autora, o importante é essa busca da determinação desconhecida e não da representação convencional passível de mensuração e demonstração.

No âmbito da pesquisa em psicanálise, Bento (2006) defende a validade do método de pesquisa baseado na Semiologia, direcionando-se para o estudo dos significados. Aqui, porém, se fará uso do estudo dos significados por uma via próxima, porém mais recente que é a categoria de significados para psicologia Sócio-histórica.

1.2 Processo de ensino-aprendizagem: história e conceituação.

O processo de ensino-aprendizagem tem sido historicamente caracterizado de formas diferentes que vão desde a ênfase no papel do professor como transmissor de conhecimento, até as concepções atuais que concebem o processo de ensino-aprendizagem com um todo integrado que destaca o papel do educando (MIZUKAMI, 1986).

As reflexões sobre o estado atual do processo ensino-aprendizagem nos permite identificar um movimento de ideias de diferentes correntes teóricas sobre a profundidade do binômio ensino e aprendizagem. Entre os fatores que estão provocando esse movimento podemos apontar as contribuições da Psicologia atual em relação à aprendizagem, que leva todos a repensar a prática educativa, buscando uma conceptualização do processo ensino-aprendizagem.

Apesar de tantas reflexões, a situação atual da prática educativa das escolas ainda demonstra a massificação dos alunos com pouca ou nenhuma capacidade de resolução de problemas e poder crítico-reflexivo, a padronização dos mesmos em decorar os conteúdos, além da dicotomia ensino-aprendizagem e do estabelecimento de uma hierarquia entre educador e educando.

A solução para tais problemas, segundo Santos (2007) está no aprofundamento de como os educandos aprendem e como o processo de ensinar pode conduzir à aprendizagem. Acrescenta-se ainda que a solução está em partir da teoria e colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo de forma crítica-reflexiva-laborativa: crítica e

reflexiva para pensar os conceitos atuais e passados e identificar o que há de melhor; laborativa não só para mudar como também para criar novos conhecimentos.

Lancemos um olhar sobre a seguinte fala:

“Para que se repensem as ciências humanas e a possibilidade de um conhecimento científico humanizado há que se romper com a relação hierárquica entre teoria, prática e metodologia. Teoria e prática não se cristalizam, mas se redimensionam, criam e são também objetos de investigação. Nesse sentido, pesquisa é a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino/aprendizagem e a atualiza”. (DIAS, 2001).

Paulo Freire apud DIAS (2001) diz que daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A *docência* – docência-discência – e a pesquisa são práticas requeridas por estes momentos.

Pensar nesse processo ensino-aprendizagem de forma dialética associando-se à pesquisa, promove a formação de novos conhecimentos e traz a ideia de seres humanos como indivíduos inacabados e passíveis de uma curiosidade crescente – aqui considerada como uma curiosidade epistemológica, uma capacidade de refletir criticamente o aprendido – capaz de levar a um *continuum* no processo ensinar-aprender.

No processo pedagógico alunos e professores são sujeitos e devem atuar de forma consciente. Não se trata apenas de sujeitos do processo de conhecimento e aprendizagem, mas de seres humanos imersos numa cultura e com histórias particulares de vida. O aluno que o professor tem à sua frente traz seus componentes biológico, social, cultural, afetivo entre outros. Os conteúdos de ensino e as atividades propostas enredam-se nessa trama de constituição complexa do indivíduo (GADOTTI, FREIRE, GUIMARÃES, 2000).

O processo de ensino-aprendizagem envolve um conteúdo que é ao mesmo tempo produção e produto. Parte de um conhecimento que é formal (curricular) e outro que é latente, oculto e provém dos indivíduos.

Todo ato educativo depende, em grande parte, das características, interesses e possibilidades dos sujeitos participantes, alunos, professores, comunidades escolares e demais fatores do processo. Assim, a educação se dá na coletividade, mas não perde de vista o indivíduo que é singular (contextual, histórico, particular, complexo). Portanto, é preciso compreender que o processo ensino-aprendizagem se dá na relação entre indivíduos que

possuem sua história de vida e estão inseridos em contextos de vida próprios (GADOTTI, FREIRE, GUIMARÃES, 2000).

Pela diversidade individual e pela potencialidade que esta pode oferecer à produção de conhecimento, conseqüentemente ao processo de ensino e aprendizagem, pode-se entender que há necessidade de estabelecer vínculos significativos entre as experiências de vida dos alunos, os conteúdos oferecidos pela escola e as exigências da sociedade, estabelecendo também relações necessárias para compreensão da realidade social em que vive e para mobilização em direção a novas aprendizagens com sentido concreto. (FREITAS, 2002)

Pensar cada indivíduo como um contribuinte no processo de ensinar-aprender é participar da colocação de Giusta (1997) sugerindo que se deve superar a dicotomia transmissão *versus* produção do saber levando a uma concepção de aprendizagem que permite resgatar: a) a unidade do conhecimento, através de uma visão da relação sujeito/objeto, em que se afirma, ao mesmo tempo, a objetividade do mundo e a subjetividade; b) a realidade concreta da vida dos indivíduos, como fundamento para toda e qualquer investigação.

Lembrando que o processo ensino-aprendizagem ocorre a todo momento e em qualquer lugar questiona-se então neste processo, qual o papel da escola? Como deve esta deve ser considerada? E qual o papel do professor?

É função da escola realizar a mediação entre o conhecimento prévio dos alunos e o sistematizado, propiciando formas de acesso ao conhecimento científico. Nesse sentido os alunos caminham, ao mesmo tempo, na apropriação do conhecimento sistematizado, na capacidade de buscar e organizar informações, no desenvolvimento de seu pensamento e na formação de conceitos. O processo de ensino deve, pois, possibilitar a apropriação dos conteúdos e da própria atividade de conhecer. (DIAS, 2001)

A escola é constituída por características políticas, sociais, culturais e críticas. Ela é um sistema vivo, aberto. E como tal, deve ser considerada como em contínuo processo de desenvolvimento influenciando e sendo influenciada pelo ambiente, onde existe um retorno dinâmico e contínuo. É neste ambiente de produções e produto que se insere o professor, o educador, não como um indivíduo superior, em hierarquia com o educando, como detentor do saber-fazer, mas como um igual, onde o relacionamento ente ambos concretiza o processo de ensinar-aprender (GADOTTI, FREIRE, GUIMARÃES, 2000).

O papel do professor é o de dirigir e orientar a atividade mental dos alunos, de modo que cada um deles seja um sujeito consciente, ativo e autônomo. É seu dever conhecer como funciona o processo ensino-aprendizagem para descobrir o seu papel no todo e isoladamente. Pois, além de professor, ele será sempre ser humano, com direitos e obrigações diversas.

(BRANDÃO, 2007)

Pensar no educador como um ser humano é levar à sua formação o desafio de resgatar as dimensões cultural, política, social e pedagógica, isto é, resgatar os elementos cruciais para que se possa redimensionar suas ações no/para o mundo.

Ainda no processo da história da produção do saber, permanece na atualidade o desafio de tornar as práticas educativas mais condizentes com a realidade, mais humanas e, com teorias capazes de abranger o indivíduo como um todo, promovendo o conhecimento e a educação.

1.3 Psicanálise e Educação: um trajeto de (des) encontros.

Nesse caminho, pensa-se que muito se tem a aprender com o diálogo entre a Educação e a psicanálise. Os autores desta pesquisa com base no pensamento de Mendes (2002), entendem que de um lado, a Psicanálise precisa dos conceitos da teoria da burocracia, da cultura e do simbolismo educacional, da emoção, da complexidade, do processo de ensino-aprendizagem, do controle, dos sistemas abertos, da gestão, dentre outros. De outro, a Psicanálise pode contribuir para as teorias educacionais com a exploração do inconsciente, usando seus referenciais teóricos para modificar o já posto, procurando provar, testar, desenvolver e transcender alguns dos constructos já estudados pela Pedagogia, na tentativa de ampliar ou mesmo possibilitar a constituição de conceitos sobre o fenômeno estudado.

No centro dessa discussão, é de primordial importância reportar-se, primeiramente, às referências de Freud quanto à educação, posto que são os textos fundadores desta reflexão. Em seguida, é válido fazer referência às articulações feitas por alguns pesquisadores, nos últimos anos, sobre as relações entre esses dois saberes. No que tange especificamente a esse segundo eixo de levantamento teórico, é importante assinalar o crescente interesse pelo estudo das relações entre psicanálise e Educação, tanto entre educadores, quanto entre psicanalistas.

O entrecruzamento desses dois campos de saber tem uma história marcada por variadas tendências e mudanças de posturas. Num preliminar levantamento bibliográfico sobre o tema entre os psicanalistas, é possível afirmar que, nas mais recentes publicações, considerando os últimos dez anos, predomina uma proposta de junção desses dois campos, diferentemente do que ocorria há vinte anos, quando predominava um tipo de leitura da questão em que se ressaltavam as impossibilidades de encontro entre eles. (MACIEL, 2010)

Referindo-se como inicialmente mencionado, ao fundador da psicanálise, é possível

afirmar que, basicamente, as contribuições de Freud à educação dizem respeito primeiramente à transmissão de conhecimento através dos Inconscientes. Devendo-se aqui esclarecer que o Inconsciente é o conceito fundamental da psicanálise, sendo considerado por ele a terceira ferida narcísica da humanidade. Freud, em suas conferências introdutórias sobre Psicanálise, se refere a “três severos golpes” sofridos pelo homem no seu “amor próprio”, no seu “narcisismo universal”. O primeiro ocorreu com Copérnico e seu “golpe cosmológico”, quando a terra deixou de ser vista como o centro do universo. O segundo, com Darwin e seu “golpe biológico”, quando o homem deixou de ter uma ascendência divina sobre os animais. E o terceiro, finalmente, com o Inconsciente e seu “golpe psicológico”, quando deixamos de ser “senhor de nossa própria casa”. Com esse conceito, podemos nos conceber também como sujeitos do desconhecimento, no qual algo sempre escapa à pretensão de controle consciente, como, por exemplo, de tudo o que aprendemos. (FREUD, 1976)

Outra referência de Freud à educação diz respeito à importância da relação professor-aluno, o que nos leva a pensar na questão da transferência sob o aspecto de um fenômeno que não se passa apenas entre paciente e terapeuta, mas que perpassa todas as relações humanas. Embora o que se passa na escola seja diferente, na psicanálise a transferência constitui seu próprio instrumento de trabalho. (IDEM, 1976)

Uma terceira contribuição encontrada nos textos freudianos aponta para o papel da educação como auxiliar da sublimação sexual, já que seus argumentos afirmam que a curiosidade intelectual é derivada da curiosidade sexual. Quanto a essa última referência, deve-se ter em mente que, segundo Freud (1976) esse desvio pulsional necessário não deve ser excessivo e chegar a inibir o sujeito do desejo.

É válido esclarecer que a noção de sujeito do desejo em psicanálise se refere ao fato deste se relacionar não só com objetos de necessidade, mas também com objetos de desejo que passam pelos significados construídos nas interações que os sujeitos estabelecem entre si. (MACIEL, 2005)

De forma mais detalhada, é possível citar algumas referências que Freud fez de algum modo a Educação. Este tema encontra-se em sua obra, inicialmente em 1912, quando relaciona a atividade educativa à capacidade sublimatória e se refere às indicações feitas pelos professores de livros a serem lidos, alerta para o risco de os educadores quererem modificar os alunos à sua imagem, tomando para si a função de modelo.

Posteriormente em 1914, afirma que a aquisição de conhecimento depende da relação do aluno com seus professores e seus colegas, numa referência à relação transferencial que faz com eles, enquanto representantes de seus pais e irmãos. Em suas palavras: “... é

difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres” (Freud, 1976 p. 286). É importante mencionar que o conceito de transferência designa o processo utilizado pelos desejos inconscientes para, não só na relação analítica, repetir nossas experiências infantis vividas, agora, como atualidade.

Conforme constrói sua teoria, surgem outras situações em que o tema é evidente em suas teorizações, como em 1925 quando menciona a importância do professor para o aluno, tendo em vista que pode orientá-lo, servindo como modelo. Além disso, o autor aponta para o valor profilático de uma psicanálise para o próprio educador, destacando, portanto, que este não deve se contentar somente com uma instrução teórica da teoria psicanalítica e sim buscar a vivência e os benefícios da psicanálise.

Novamente em 1933 se refere à tentativa da “educação psicanalítica” procurar um “ponto ótimo” que possibilite “proibição de pulsão” sem “doença neurótica”. Freud afirma que cada criança tem seu ponto. Isso nos leva a questionar o valor de uma educação de massa e pré-programada, pois nos parece colocar aí a questão da singularidade. A partir dessa menção, podemos dizer que o professor não tem controle total dos efeitos de suas palavras sobre os alunos. Não saberá o que o aluno fará com aquelas ideias e com o que as associará. (Freud, 1976)

Por fim, em 1937 afirma que o psicanalisar, o educar e o governar são profissões impossíveis, posto que sempre chegam a resultados insatisfatórios devido serem tentativas de submissão do homem por meio da palavra. De modo que as três se limitam ao não poderem submeter o inconsciente, pois segundo o autor, é ele que nos sujeita. (IDEM, 1976)

É preciso, no entanto ter em mente que a psicanálise é um campo em constante transformação e desenvolvimento. De modo que os textos e conceitos de Freud devem ser lidos e repensados a luz de autores contemporâneos que refletem e criticam suas formulações, bem como desenvolvem aspectos ainda iminentes em suas obras, como é o caso da Educação. Neste sentido, é válido analisar o desenvolvimento que essas relações sofreram nos últimos anos, tanto no campo teórico quanto na prática de educadores e psicanalistas.

A fim de cumprir essa etapa da construção da linha teórica, é possível referir-se ao livro de Millot, publicado pela primeira vez na França, em 1979, que pode ser considerado um marco no campo da interseção educação/psicanálise. Ele foi, pode-se dizer, uma referência obrigatória para os interessados nessa conexão. No seu livro, a autora afirmava a impossibilidade de aplicar psicanálise à educação. Segundo ela, no máximo, a psicanálise poderia transmitir ao educador uma ética, um modo de ver e de entender a prática educativa.

Seguindo os ensinamentos de Lacan, a posição de Millot ratificava as separações existentes entre esses dois campos. Ela se contrapunha claramente à tradição psicanalítica que entendia a psicanálise como educação das pulsões, tendo um objetivo profilático com relação às neuroses. (MILLOT, 1987)

Dentro dessa discussão, Anna Freud encaixava-se aqui como uma representante dessa outra tendência, na qual tanto educadores quanto psicanalistas deviam colar-se ao lugar do saber. Ou seja, a análise da criança era associada a medidas educativas, tendendo a transformar-se em pedagogia (Freud, 1971). Esse tipo de posição era, portanto, criticada por Millot.

No Brasil, Kupfer (1989) seguia a mesma linha de raciocínio. No entanto, em seu mais recente livro, publicado em 2001, a mesma autora parece ter mudado de posição teórica no que tange à afirmação anterior de que psicanálise e educação não se casavam. Ela admite, portanto, que é possível conceber uma educação orientada pela psicanálise. Propõe, assim, a “educação terapêutica” como “conjunto de práticas interdisciplinares de tratamento, com especial ênfase nas práticas educacionais, que visa à retomada do desenvolvimento global da criança”. A educação terapêutica, segundo a autora:

Não é mais psicanálise em seu sentido clássico, pois não busca tocar o real pelo simbólico e sim instituir o simbólico em torno do real; não é apenas educação em seu sentido clássico, pois não visa moldar a criança ao ideal do eu do educador, já que a criança psicótica quase nunca está atenta aos ideais e, portanto, não coloca o educador no lugar de modelo identificatório como fazem as outras crianças. Também não é educação ‘stricto sensu’, porque seu tempo já passou e qualquer esforço de retomá-la produzirá algo novo, e será sempre uma reeducação. (Kupfer, 2001, p.83, 115)

A autora estende, inclusive, sua proposta de “educação terapêutica” para ser aplicada não só à educação especial, com crianças em sofrimento biopsicossocial, mas para a educação de crianças de maneira mais ampla. Tomando como referência esta autora que é um dos nomes em grande evidência no Brasil, pode-se perceber a intensidade com que esses dois campos foram se entrelaçando cada vez mais com o passar dos anos. (KUPFER, 2001)

Vale destacar ainda, a importância de não esquecer o âmbito da política ao abordar-se os laços possíveis entre psicanálise e educação. Neste sentido, o trabalho de Patto (1990), entre outros, é importante para que não se deixe de articular o discurso social ao se tentar entender, como psicanalistas e educadores, um problema de aprendizagem, por exemplo. Esta autora mostra, sob esse aspecto, que o fracasso acadêmico se produz no interior das relações cotidianas do espaço escolar, as quais muitas vezes negam e desqualificam a diferença social

ou o desencontro de vivências e linguagens entre as crianças concretas de uma determinada escola e o ideal esperado e mais de acordo com o grupo social dominante.

Ainda neste circuito discursivo, mais recentemente Camargo (2006), publicou também uma obra que busca refletir a educação, especificamente a metodologia educativa escolar, do ponto de vista da psicanálise, a autora questiona se a educação é uma questão de método, onde faz uma proposta uma alternativa ao caráter ortodoxo da pedagogia: a simples renúncia e o abandono da ilusão metodológica na formação de professores e por consequência, das práticas metodológicas na educação escolar. O questionamento instala, assim, o convite ao reconhecimento das raízes inconscientes indeterminadas, porém não aleatórias do processo educativo.

Ela defende que as ações educativas visem à enunciação do aluno-sujeito, personagem de outra cena ou realidade que não a pedagógica. Nessa cena, o professor é, segundo Camargo (p. 83, 2006) “depositário das representações inconscientes” e tudo aquilo que o aluno escuta do mestre está submetido a um sentido singular, determinado por uma história diferente daquela universal veiculada pela pedagogia. Muito longe de a ética do sujeito ser uma nova diretriz de ensino, a formulação psicanalítica serve tão somente para lembrar-nos de que nenhuma metodologia de ensino pode ser capaz de apagar a singularidade da relação que o professor estabelece com uma disciplina particular e seu ensino.

1.4 Inconsciente: um conceito criado e desenvolvido pela psicanálise.

Freud enfatiza o inconsciente em toda sua teoria como algo que pensa, ao contrário do que se entendia até então. O inconsciente pensa, e tanto o faz que é necessária a incidência de uma censura para que os sonhos tenham o aspecto incoerente como são lembrados. Ou ainda, nas palavras de Garcia-Roza: "Se os conteúdos latentes dos sonhos fossem caóticos e ininteligíveis, não haveria motivo para serem distorcidos pela defesa" (1999, p. 209).

A função da censura é distorcer o conteúdo latente dos sonhos para que o manifesto surja de forma ininteligível, pelo menos até Freud anunciar algumas leis que regem este inconsciente e assim permitir sua interpretação. Antes de Freud, o inconsciente era expressão usada como adjetivo daquilo que não era consciente — o que difere de um sistema psíquico autônomo regido por leis próprias.

O inconsciente psicanalítico marca assim sua diferença maior do que era postulado pela psicologia da consciência. Para esta última corrente, psíquico e consciência eram equivalentes, apesar de vários graus de consciência serem possíveis. Mas nem mesmo esta

gradação Freud concordava ser atribuível para seu inconsciente. Não era nem o mais profundo, nem o mais afastado da consciência, como pode conotar alguns apelidos que tentaram sinalizar a psicanálise como "psicologia profunda" ou "psicologia das profundezas".

Freud não nos fala de uma consciência que não se mostra, mas de outra coisa inteiramente distinta; fala-nos de um sistema psíquico, o Ics (Ubw) que se contrapõe a outro sistema psíquico, o Pcs/Cs (Vbw/Bw), que é em parte inconsciente (unbewusst) mas que não é o inconsciente (das Unbewusste). (Garcia-Roza, 1999, p. 210)

Ou seja, parte dos processos que compõem o sistema Cs/Pcs podem ser inconscientes, mas nem todo processo inconsciente faz parte do Cs/Pcs e sim, do sistema Ics.

O que está implicado aqui é uma diferença de concepção entre “inconsciente pessoal” e “inconsciente impessoal”. Se consideramos o inconsciente como pessoal, numa sessão de análise encontrar-se-iam o inconsciente do paciente e o inconsciente do analista. Já se considerarmos o inconsciente como impessoal, diremos que há apenas um inconsciente e que este é produzido pela “transferência” como um efeito.

Lacan foi quem mais consolidou este entendimento — formulando o inconsciente como “transindividual” (cf. 1953, p. 260) e como “ético” (cf. 1964, p. 37) — em oposição a Laplanche — que defendeu a individualização do inconsciente em respeito à realidade atribuída às representações, ao recalcado com intensidade, ao investimento afetivo e sua função de representação da pulsão.

De modo geral, o conceito de inconsciente apontado pela psicanálise, que foi adotado neste estudo, não é intrapsíquico, nem do bem ou do mal, mas rege o sujeito constituído a partir do laço com o outro, laço discursivo, recriado a cada relação e que, dependendo da modalidade de laço social, pode mostrar aspectos das mais diversas configurações. Dessa forma, articula-se ao social e ao político, pois provoca um abalo na convicção do individualismo e apresenta outra ética – a de um sujeito que abarca a potência do desejo e que faz valer o saber criativo para além da obediência das regras impostas como conformismo social (ROSA, CARIGNATO & BERTA, 2006).

1.5 Inconsciente e processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, no que concerne às implicações do inconsciente no processo de ensino-aprendizagem, coloca-se, com base nos pensamentos de D'Agord, (2002), que as formações do inconsciente, chistes, atos falhos, etc., referem-se ao campo do que é singular. Essa

singularidade está relacionada ao que é constituinte, no sentido do que causou determinada estruturação, ou configuração. Está em questão a tentativa de explicação do posicionamento do sujeito em relação ao próprio desejo. O que se revela em uma manifestação inconsciente é a verdade desse desejo. E já que a singularidade acompanha-nos sempre, ela aparece também em uma situação de aprendizagem.

Para maior esclarecimento, é necessário, estabelecer-se a diferença entre o conhecimento do Eu e o saber do inconsciente, assim como a via de acesso ao inconsciente pela transferência. O saber, a criação de novos saberes, só é instaurado por meio da relação de pelo menos dois inconscientes, isto é, por um sujeito que escuta o outro. (FILHO & ROSA, 2010)

Segundo D'Agord (2002), enquanto a aprendizagem animal é um desdobramento do que já estava inscrito biologicamente, a aprendizagem humana é reconstrução a partir de restos ou traços de lembrança, isto é, do que ficou inscrito inconscientemente. E, mesmo quando os traços de lembrança são restos da sexualidade da infância, trata-se de uma inscrição psíquica e não biológica.

Pode-se dizer que a psicanálise nos aponta para o sujeito do inconsciente, sujeito que não se confunde com a consciência de si, não é um sujeito totalizado, mas dividido radicalmente pelo desejo. A interferência do pulsional (desejo) em toda a ação subjetiva faz com que se pense em um novo modo de estruturação da própria linguagem, estruturação essa que se dá em torno de um hiato radical, que a linguagem jamais preencherá. E assim, nos permite pensar um modo de ensino-aprendizagem que reconheça uma subjetividade não totalizada, não previsível de antemão no desenvolvimento do ato de ensinar e aprender. (BENETTI, 2009)

Nesta mesma linha de pensamento são encontrados diversos relatos de pesquisa (NÉTO, 2008; FILHO, 2007; SILVA, 2006) em que as situações de aprendizagem chamam a atenção pela presença de formações do inconsciente, como os chistes e os devaneios, para os quais a conclusão, na maioria das vezes, é que o mais significativo é o fato de que a própria forma de construir conhecimento é determinada pelas formações do inconsciente. Isto é, pela irrupção do inconsciente no discurso do falante na forma de uma enunciação que dizia respeito ao desejo inconsciente do sujeito.

É uma contribuição decididamente psicanalítica, que permitiu perceber que as nuances e cortes do discurso, muito mais do que erros ou imprecisões, têm o valor de reveladores de um sujeito de saber que não se sabe a si mesmo, mas que se torna legível nestes impasses do inconsciente na linguagem. Manifestação inequívoca da relação, necessária a todo sujeito,

entre o saber e a ignorância. A partir dessa descoberta, as relações do sujeito com o saber, a ignorância e o conhecimento já não são as mesmas. E se, de algum modo, continuam a ser o que já eram, certamente elas já não podem ser concebidas da mesma forma. (JERUSALINSKY, 1999)

A revelação produzida pela psicanálise, especialmente nas articulações que a obra de J. Lacan produziu na sistemática freudiana, da inseparável trama entre o sujeito e a linguagem que o estrutura coloca no primeiro plano da educação e das aprendizagens o necessário percorrido desse sujeito pelas linhas de quebra deste tecido de significantes que o constitui. Separação, divisão, multiplicação, fronteira, borda, corte, combinação, fusão, união, diferença, equivalência, identidade, lugar, posição, tempo, percurso, trânsito, transposição, conservação e perda não podem mais ser considerados meras categorias de uma lógica injetada no pensamento por operações exógenas. Tampouco são mais uma entre as condições naturais e constitucionais dos humanos, como dons divinos sob a forma de concessões especiais de faculdades mentais inatas. (IDEM)

Elas se constituem a partir da experiência subjetiva que o sistema de relações que organiza a circulação do desejo inscreve no pequeno ser. E também, em certa proporção, são transmitidas pela bagagem de conhecimentos que, sob a forma de saber inconsciente, vieram armazenando-se na linguagem no percurso da história da humanidade. A diferenciação de significantes para denominar e especificar as diferentes operações lógicas, produto indubitável da experiência do exercício da língua no esforço de construir uma borda simbólica face ao real, inscreve-se na pequena criança como uma cifra acabada. É isto que permite ao incipiente sujeito surpreender ao adulto com produções bem mais complexas daquelas que ele mesmo pode dar conta no campo conceitual. (IDEM).

Dentro desta perspectiva, as palavras de Camargo são pertinentes ao afirmar:

O professor-educador, por mais que deseje funcionar como catalisador, precisa não só estar a postos para o inesperado como, ao mesmo tempo, aprender a esperar e dar tempo a tempo, já que as reações subjetivas são sempre imprevisíveis, esteja ele na posição de aluno, ou de professor. (2006, p.24)

Bem como Queiroz, que ao refletir sobre as atitudes e papéis assumidos pelo educador no contexto do processo de ensino-aprendizagem atual, considera que:

O papel do educador e da Educação nesse momento dentro da perspectiva psicanalítica é o de aceitar e mostrar que existem outros saberes além dos já conhecidos, deve mostrar que nem ele e nem a criança tem as verdades absolutas, sempre haverá possibilidades de

novos arranjos dos dados da realidade. O ser humano é um ser angustiado, está sempre à procura de uma satisfação, mas nunca alcançará sua plenitude. (p12. 2009)

Nesse enfoque, dentro do levantamento teórico feito, a compreensão a que se pode chegar é que os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (professor e aluno) bem como todo ser humano, são sujeitos inacabados e em permanente construção que se constituem de maneira particular nas suas relações com o outro, a cultura e a sociedade; assim sendo, trata-se de um sujeitos singulares e social ao mesmo tempo, submetidos as ações do inconsciente, do contextos, das relações interpessoais, da cultura, etc..

O sujeito da psicanálise vive o paradoxo de submeter-se, ao mesmo tempo, à cultura para nela instituir-se, e de não submeter-se aos seus preceitos totalmente, marcando sua singularidade frente aos demais. Em outras palavras, é necessário que o sujeito identifique-se e submeta-se às interdições culturais, mas, para constituir sua singularidade e diferença, é preciso se contrapor ao Outro da cultura. Calligaris aponta o paradoxo em termos da oposição indivíduo e sociedade:

É justamente nossa cultura que situa o indivíduo como valor supremo e, por consequência, em oposição à sociedade. Ora se uma cultura_ a ocidental_ consiste em fazer o indivíduo o valor social maior, é preciso entender que esta cultura, quando se transmite, se transmite com o imperativo de odiá-la. Pois o indivíduo que é seu valor supremo, somente poderá se afirmar ao recusar a cultura que está sendo transmitida (1993, p.188).

A cultura é, na visão psicanalítica, um ponto crucial para a construção da concepção de sujeito, marcando a subjetividade por um conflito instituidor. E a escola, enquanto instituição não está fora desta concepção cultural, constituindo-se como um dos órgãos de maior importância em nossa sociedade contemporânea, dado a sua presença em grande parte da vida das crianças e das famílias, contribuindo também para sua formação enquanto sujeito.

Para a Psicanálise, a realidade psíquica de cada sujeito é singular e marcada pela diferença. As personalidades não são fixadas linearmente, pois entende-se que os processos de cada um são constituídos por ambiguidades, paradoxos, capturas diferenciadas, não permitindo assim, que delineemos previamente quem é, como é, e como será o aluno. Desta forma, o processo de ensino-aprendizagem pode ser compreendido como marcado pela singularidade do sujeito e, conseqüentemente, pela impossibilidade de se saber tudo sobre ele. É esta compreensão que se faz necessária aos agentes do processo educativo e é isto que, ao ver desta pesquisa, o contato com a psicanálise pode oferecer.

1.6 Categoria de significado

A pesquisa tem como intuito captar os significados segundo uma perspectiva sócio-histórica no discurso dos sujeitos, de modo que se torna importante conceituar esta categoria. Ela está intimamente relacionada com a linguagem e o pensamento, ou melhor, é formada a partir e expressão deles.

O surgimento da linguagem na história da humanidade provocou mudanças essenciais à atividade consciente do homem porque a linguagem: permite ao homem discriminar objetos, e conservá-los na memória; ao mesmo tempo que indica determinadas coisas, abstrai as propriedades essenciais destas e é o veículo de transmissão da informação que permite ao homem assimilar as práticas sociais de muitos séculos e por meio delas consegue dominar conhecimentos, habilidades e modos de comportamento. (LURIA, 1979, p. 80-81)

Assim como Leontiev (1978, p. 87), compreendemos que:

A linguagem não desempenha apenas o papel de um meio de comunicação entre os homens, ela é também um meio, uma forma da consciência e do pensamento humanos [...] Torna-se a forma e o suporte da generalização consciente da realidade. Por isso, quando, posteriormente, a palavra e a linguagem se separam da atividade prática imediata, as significações verbais são abstraídas do objeto real e só podem portanto existir como facto de consciência, isto é como pensamento.

“Pensamento e a linguagem são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana”, afirma Vigotski (2000, p. 485). Dessa forma, não é possível considerar a palavra e o pensamento como elementos isolados e independentes, é necessário compreendê-los como unidades que retêm características próprias do todo, até porque, como estudou Vigotski, o significado de uma palavra representa uma ligação tão estreita entre pensamento e linguagem que se torna difícil definir se se trata de um fenômeno da fala ou do pensamento.

Como unidade entre pensamento e linguagem Vigotski (1993, p. 104) afirma que: “o significado das palavras é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele”.

Nos estudos de Vigotski (2000) sobre as relações entre pensamento e linguagem, os significados e os sentidos das palavras ocuparam um lugar de destaque. Para o autor, o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito e como essas

generalizações e os conceitos são atos de pensamento, ele considera o significado como um fenômeno do pensamento. Então, complementa Vigotski (1993), usando-se o significado das palavras como unidade de análise é possível compreender o desenvolvimento do pensamento verbal.

A significação, para Leontiev (1978, p. 94) também é uma significação da realidade que é cristalizada e fixada num vector sensível, ordinariamente a palavra ou a locução. É a forma ideal, espiritual da cristalização da experiência e da prática sociais da humanidade, [...] é, entrada na minha consciência (mais ou menos plenamente e sob todos os seus aspectos), o reflexo generalizado da realidade elaborado pela humanidade e fixado sob forma de conceitos, de um saber ou mesmo de um saber-fazer.

Aguiar e Ozella (2006, p. 226) lembram que:

Os significados são, portanto, produções históricas e sociais. São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências. Muito embora sejam mais estáveis, “dicionarizados”, eles também se transformam no movimento histórico, momento em que sua natureza interior se modifica, alterando, conseqüentemente, a relação que mantém com o pensamento, entendido como um processo.

Leontiev (1978) chama a atenção para o fato de que o homem encontra um sistema de significações já elaborado historicamente e se apropria dele, porém o fato psicológico em si que faz com que o indivíduo se aproprie ou não, assimile ou não uma dada significação depende do sentido que ela tenha para esse indivíduo.

2. METODOLOGIA

2.1 Tipo de pesquisa

O projeto consiste numa pesquisa qualitativa. Neste tipo de abordagem “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (Minayo, 1994, p. 22). O fenômeno a ser investigado envolve os sujeitos em sua complexidade e é intuito deste estudo levar esses aspectos em consideração, diferenciando-se de um olhar estatístico ou descritivo acerca do tema. Por isso, devemos tentar compreender o processo social nas suas determinações e transformações dadas pelo sujeito, aqui especificamente, os sujeitos da educação. Assim sendo, a pesquisa qualitativa é pertinente nesta investigação porque pode produzir um conhecimento abrangente sobre a temática, bem como permite descobrir novos sentidos em relação ao objeto de pesquisa.

2.2 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da rede estadual que recebeu o codinome de Escola Alestin Freinet. A decisão de realizar a pesquisa nesta escola foi feita em função da abertura de espaço e do acolhimento que se teve na escola. Ao ir à escola e apresentar a proposta de trabalho, estudo e pesquisa obteve-se imediatamente o apoio da gestão. Foi elaborada uma carta de autorização de pesquisa de campo com as informações sobre a pesquisa e as ações a serem realizadas na escola que foi assinado pelo gestor concordando com as disposições.

A decisão por realizar a pesquisa em uma só escola deve-se a questão de exequibilidade, visto que o período de realização de um projeto de iniciação científica é de 12 meses. Sendo esta uma pesquisa qualitativa que se desenvolve segundo um ciclo específico e demanda tempo para inserção no local pesquisado, tivemos a precaução para não afetar este ciclo e primou-se pelo compromisso com a qualidade da produção científica.

2.3 Sujeitos da pesquisa

Sabe-se que a escola não é um espaço neutro. Neste sentido foi seguida a formulação

teórica da “polifonia dos discursos” de Giroux (1987), segundo a qual existem em uma comunidade escolar diversas vozes ativas que defendem o seu posicionamento enquanto sujeito social de uma realidade. Pensa-se, porém, que apesar de diferentes e muitas vezes contraditórios os interesses defendidos por essas vozes devem ser considerados como influência mútua de práticas dominantes e submissas que se modelam reciprocamente e não como vozes contrapostas que se desqualificam. Por este motivo, buscou-se pesquisar as especificidades relacionais do processo de ensino aprendizagem; deste modo, foram sujeitos da pesquisa professores, pedagogos e a gestão da escola.

Foram eles: catorze (14) participantes na pesquisa, sendo doze (11) professores, (01) um pedagogo, (01) o gestor da escola e (01) a funcionária que exerce o apoio pedagógico. Nestas condições, para todos os participantes da pesquisa foi apresentado, lido e assinado (nos casos em que o sujeito aceitou participar) o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A não participação dos alunos na pesquisa se justifica por estes, apesar de não estarem alheios às ações e manifestações do inconsciente como os lapsos, os atos falhos etc, pensa-se que não possuem ainda ferramentas linguísticas e saber acadêmico que os possibilite articular os seus significados acerca do inconsciente.

2.4 Instrumentos e procedimentos

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas individuais semiestruturadas. A opção por este instrumentos se deu frente à natureza do objeto, por considerar que tal dispositivo pode enfocar o cerne da temática proposta.

Para Szymansky (2004), a entrevista é um dos instrumentos mais ricos e permite acesso aos processos psíquicos que nos interessam. Enquanto que para Minayo (1994), a entrevista privilegia a obtenção de informações através da fala individual, a qual revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos e transmite, através de um porta-voz, representações de determinados grupos.

Diante das exposições, vislumbra-se que a utilização de tal instrumento cria a possibilidade de maior aproximação com o campo-objeto a ser pesquisado na medida em que se buscou uma releitura de todo o material coletado para a constituição dos núcleos de significação.

2.5 Análise dos dados

A análise dos dados foi feita segundo a perspectiva da análise de conteúdo, a qual parte de uma literatura de primeiro plano para atingir um nível mais aprofundado que ultrapassa os significados manifestos, dito de outra maneira, a análise de conteúdo relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados, realizando uma articulação entre os aspectos de um texto e contexto no qual este se funda. (MINAYO, 2004)

O trabalho de análise do material coletado se realizou operacionalmente da seguinte maneira: a) realizaram-se as transcrições de todo o material; b) promoveu-se a leitura exhaustiva das transcrições a fim de verificar os temas que emergiram nas falas; c) organizaram-se as categorias dos conteúdos que surgiram na primeira etapa em formas de núcleos de significação, onde se partiu da consideração dos discursos dos atores onde cada núcleo foi destacado e analisado individualmente. Como esclarecimento sobre este termo, pode-se tomar Ozella & Aguiar (2006), quando trazem que se pode entender por núcleo de significação o aglutinamento de significação com valores semânticos semelhantes, a partir de indicadores que revelam o mesmo conteúdo temático.

Posteriormente, foi elaborado um tópico com dois aspectos que se apresentaram como transversais em todas as categorias e foram expressos por todos os participantes. Pôde-se perceber que na maioria das entrevistas as ideias trazidas pelos sujeitos no que concerne ao objeto pesquisado apresentavam conteúdos que convergiam para uma significação global, incluindo palavras e expressões que se pareciam. Evidenciando que as significações construídas pelos sujeitos desta pesquisa são, de algum modo, muito próximas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentam-se aqui os núcleos evidenciados nas falas dos sujeitos da pesquisa, eles somam seis núcleos que foram nomeados da seguinte maneira: (a) história de vida: o controle do inconsciente; (b) inconsciente: fomento do laço social; (c) formação acadêmica e formação continuada: o inconsciente em questão (d) inconsciente: uma variável a mais no contexto escolar; (e) inconsciente: um registro; (f) sexualidade e inconsciente.

Antes de expor os resultados obtidos nesta pesquisa, é crucial lembrar que os núcleos de significação verificados são inter-relacionados, tendo em vista que dizem respeito ao mesmo construto dentro de um mesmo contexto, porém foram separados com fim didático de facilitar a compreensão. Além disso, nem todos os sujeitos apresentaram em seus discursos os conteúdos expressos em todas as categorias, o que evidencia a diversidade de construções subjetivas, porém estes foram trazidos como relevantes para o estudo, ainda que não tenham sido generalizados.

O texto será organizado com intercalação entre períodos textuais teórico-explicativos e falas que servirão como ilustrações para as assertivas defendidas. Algumas falas foram trazidas na íntegra, pois se primou pela riqueza do significado no discurso dos participantes. A fala dos participantes será identificada com o código **P**, acompanhada de numeração de um (1) a catorze (14) variando para cada entrevistado e o entrevistador será identificado pela letra **E**.

a. História de vida: o controle do inconsciente.

Este núcleo é fundamental e está presente no discurso da maioria dos sujeitos. Mostra a ideia do inconsciente como uma instância psíquica inerente a todos os seres humanos, os quais se relacionam com ele de modo diferenciado dependendo do contexto em que constituíram sua história de vida e das situações vivenciadas no cotidiano, que podem facilitar ou propiciar a manifestação do inconsciente. De um modo geral, trata-se de manifestações negativas que devem ser evitadas, pois podem trazer consequências negativas para o autor, para ter esta habilidade de controlar o inconsciente é preciso ter maturidade psíquica e certa experiência de vida. Assim, o núcleo se subdivide em três subcategorias: (1) inconsciente como instinto; (2) inconsciente como instância do trauma e (3) controle do inconsciente por meio da maturidade. Pode-se compreender melhor a partir

do detalhamento a seguir.

1. Inconsciente como instinto

O inconsciente aparece como um aspecto primitivo do psiquismo do ser humano, ligado a instintos não-civilizados ou não-educados. Quando questionado sobre a expressão do inconsciente por meio de suas ações, o participante afirmou, que “*Sim, porque o inconsciente está ligado ao instinto*” (P12).

O inconsciente aparece como relacionado à natureza humana, conforme afirma o participante P9 em relação ao inconsciente: “*De todas as pessoas, acho que todo mundo tem um determinado momento uma postura inconsciente*”. Quando questionado sobre o porquê desta situação, o mesmo participante afirma “*Eu acho que é por causa da natureza humana, né? A gente, ninguém, a gente nunca se conhece, a gente não conhece o outro e nem se conhece, né?*”.

O inconsciente aparece conceituado como um aspecto inerente a todos humanos. É um aspecto interno, íntimo e desconhecido, sendo possível conhecer alguns de seus conteúdos por meio de manifestações involuntárias. É, portanto, relacionado a instinto, um termo que remete à Biologia. Neste sentido, apreende-se que a compreensão não é infundada, tendo em vista que Freud, em suas considerações iniciais acerca da Psicanálise, estava influenciado preso pelo saber médico biológico e sustentando a crença de que fazia pesquisa para neurociência. Tanto é que nas primeiras ideias traça o esquema do aparelho psíquico descrevendo sua origem, sua estrutura e seu funcionamento dos pontos de vista tópico, dinâmico e econômico. (ANDRADE, 2003).

O termo instinto aparece muitas vezes mencionado na Psicanálise; inicialmente é uma alternativa de tradução para o termo pulsão, no que concerne aos aspectos mais corporais e biológicos da pulsão, o que se constitui até hoje em motivo de muitos conflitos teóricos. No uso tanto corrente quanto científico da palavra “instinto” e seus correspondentes, porém, podem ser relacionados vários componentes semânticos, no entanto cabe à nossa discussão o sentido de *impulso*. O instinto, neste sentido, tem a ver com uma força motivadora que se opõe à razão e à reflexão. Na linguagem corrente, diz-se, por exemplo, que uma pessoa agiu “por instinto”, no caso de ela ter agido impulsivamente, sem pensar. É fazendo referência a esta ideia que os participantes significam o inconsciente.

Vale ressaltar que nos textos mais atuais sobre as pulsões, foram feitas várias reformulações e o termo “instinto” foi deixado de lado. Não sendo, no entanto, objetivo

deste trabalho fazer uma discussão teórica acerca desta construção.

Em relação à existência do inconsciente em todos os seres humanos, como trazem os participantes, pode-se lançar um olhar sobre as especulações freudianas quando este argumenta sobre a existência do inconsciente. Ele utiliza-se do determinismo psíquico, segundo o qual a suposição do inconsciente é necessária porque os dados da consciência apresentam um número muito grande de lacunas. Tanto nas pessoas sadias como nas doentes ocorrem com frequência atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais, não obstante, a consciência não oferece qualquer prova (FREUD, 1915).

O determinismo psíquico orienta todo o raciocínio freudiano para chegar ao conceito de inconsciente. Segundo este princípio, para todo evento há uma causa. Nada ocorre ao acaso. Se um evento parece ocorrer espontaneamente, isto se deve aos elos entre os eventos e pensamentos anteriores, ocultos no inconsciente. Sempre há uma conexão entre os pensamentos, e tal conexão pode ser explicada a partir da hipótese ou “suposição do inconsciente”. É neste sentido que as ideias trazidas pelos sujeitos da pesquisa se orientam: *“quando a gente age isso foi previamente pensado no inconsciente”* (P12).

Os aspectos relativos ao inconsciente são verbalizados neste estudo como desconhecidos, surgindo apenas em situações inusitadas. O inconsciente é composto por características do sujeito que ele não sabe que possui, até uma situação contextual que seja contingente a tal característica e ela se manifesta, de uma forma que a pessoa não percebe, de forma involuntária, independente da vontade do sujeito. Conforme se ilustra na fala dos participantes:

Quando você cresce, as pessoas, os adultos vão te dizendo uma determinada postura. E quando se é assaltada você esquece tudo isso que te passaram a vida toda. Então eu acho que isso aí é uma postura inconsciente (P9).

O que eu entendo, assim. É aquilo que eu ainda não sei sobre mim. Por exemplo, eu vou ser assaltada e eu tenho a coragem de reagir e de bater no ladrão, então há uma coisa que eu nem sabia se eu tinha coragem ou não. (risos) É mais ou menos assim que eu entendo (P7).

São nas situações inusitadas que os sujeitos acreditam que o inconsciente se revela. Isso porque são nessas situações em que não está sob controle das regras sociais aprendidas no decorrer da vida, das atitudes consideradas certas, são ações impulsivas, impensadas, que podem inclusive trazer consequências ruins, conforme a fala do participante afirma:

Isso aí é... isso vem do inconsciente, né? Da pessoa. Isso vem, a gente... Devido alguma impulsividade, aí acontece de fazer algum, aquele momento assim, que você, sem pensar, assim né? Toma uma atitude assim que não é correta. A gente tem que tá consciente pra fazer algo que depois não se arrependa, né? Aí eu é... É... Primeiro tem que aprender dominar, né? Às vezes a gente cai em erros que a gente... Porque não trabalhou esse lado de tentar segurar (P1).

Ou dito de outro modo, traz a ideia de comportamentos inconsequentes movidos por meio de impulsos. Um participante evidencia isto ao ser questionado sobre a maneira como o inconsciente age no cotidiano, respondendo: *“acho que através de impulsos. Eu acredito que inconscientemente eu faço alguma coisa e depois eu vejo as consequências”* (P12).

2. Inconsciente como instância do trauma

Muitas vezes as ações do inconsciente podem também ser resultado de vivências da infância ou de um passado distante que deixaram alguma marca no inconsciente, como se fosse um conflito mal resolvido e que em determinada situação que se remeta ao tema, haverá manifestação deste conteúdo, mesmo que de forma não intencional por parte do sujeito:

Sim. Muitas vezes as pessoas manifestam na vida adulta aquilo principalmente da infância. (...) E muitas coisas as pessoas guardam no seu inconsciente e muitas vezes manifestam na vida adulta. A pessoa sofreu algum trauma, não foi tratado e a pessoa age de forma inconsciente (P13).

Este entendimento pode estar relacionado à ideia levantada pela psicanálise de trauma decorrente de vivências significativamente negativas na infância. Nos primórdios da psicanálise, Freud atribuiu às neuroses dos adultos a traumas infantis, sendo que a extensão dos danos decorrentes do trauma variava de acordo com a vulnerabilidade de cada indivíduo. A depressão ou melancolia” seria multicausal, sendo um dos fatores concorrentes à perda de um ente querido ou representante deste, bem como a histeria, que por sua vez, é decorrente de trauma vivenciado na infância de teor sexual, seja pela vivência em si ou por uma fantasia de sedução (FREUD, 1976).

Posteriormente, tendo em vista que a psicanálise é um campo do saber em constante construção e reformulação, o trauma passou a ser visto como a vivência de eventos para os quais o sujeito não tem estrutura psíquica para conseguir lidar, compreender e significar e em decorrência disto tem vários desdobramentos na vida psíquica adulta. (LACAN, 1987)

Os sujeitos da pesquisa se apoiam em subsídios linguísticos da Psicologia para darem conta de verbalizar sobre inconsciente. Ao fazerem referência a trauma, tentam dar

explicações para comportamentos considerados negativos expressos pelas pessoas. Segundo Calligaris (p.138, 2004), “os fatos de nossas vidas agem em nós pela história em que se integram ou, melhor, pela história em que conseguimos ou não integrá-lo”. É de acordo com este funcionamento que se tenta integrar os comportamentos negativos atualmente expressos na escola a fatos vivenciados na infância.

A categoria evidencia, além disso, que essas marcas da infância podem influenciar para que o inconsciente se manifeste de forma violenta ou desagradável. Ao questionar um participante sobre sua percepção quanto à influência do inconsciente nas suas ações, sentimentos, opiniões ou afetos, ele responde que:

Eu acho que tem relação sim com meu inconsciente por que eu tenho uma história de infância muito dura. Eu acho que influencia muito no que eu sou hoje. (...) Eu acho que por causa dessa minha situação eu acho que eu sou um pouco dura com as crianças assim, sabe? Sou muito dura (P6).

Neste caso, o participante está se referindo a forma como trata os seus alunos. Ele justifica as suas atitudes, que são consideradas algumas vezes “duras”, como decorrentes de uma infância difícil, com problemas familiares, que deixaram marcas na sua constituição psíquica, no seu inconsciente, aspectos que se manifestam independente da vontade ou intensão do sujeito.

Neste aspecto relativo ao comportamento duro do professor em relação ao aluno, há uma teorização da Psicologia Analítica de Jung que vai neste sentido. Ainda que esta teoria não seja base para a construção deste relato científico, pode-se mencioná-la como possível referência dos sujeitos para a construção destes significados. Nesta direção, pode-se confrontar este significado com o conceito de história de vida levantado pela Psicologia Analítica, segundo a qual, cada indivíduo traz na sua história de vida e no seu inconsciente, fatores que podem influenciar no desenvolvimento de sua profissão. Compreendendo dessa forma, o relacionamento professor/aluno também pode ser influenciado pelo inconsciente dos mesmos. É pensando assim, que se faz necessário estudar um pouco sobre o inconsciente. Quando a criança do professor não se comunica com a criança do aluno, o professor torna-se quase incapaz de se empatizar com os dilemas do aluno. Torna-se um professor rude e insensível, não brinca (pois ele não se comunica com sua criança interna). Sua maior preocupação é deter o conhecimento que por sua vez deve ser transmitido aos alunos como sendo ele (o professor), o “senhor da verdade”. Quando esse professor age dessa forma, o aluno pode se recusar a aprender. (CARVALHO, 2009).

3. Controle do inconsciente por meio da maturidade

Para conseguir dar conta de todas essas possibilidades de manifestações do inconsciente, a ideia que os participantes trazem é de que é necessário desenvolver a maturidade, isso ocorre quando o sujeito aprende a controlar o inconsciente, podendo, deste modo, conviver saudavelmente com as outras pessoas, agindo com mais discernimento e calma. Em relação à mesma pergunta, quanto à influência do inconsciente nas suas ações, sentimentos, opiniões ou afetos outro participante evidencia uma percepção diferente:

Não tanto porque eu tenho uma coisa comigo que a questão do planejamento e a organização. Eu acho que o inconsciente age mais quando você não tem controle sobre uma situação. Eu sou muito controlada, muito mesmo. Quando surge uma situação em casa eu sou a mais calma, e procuro agir de uma forma pensada mesmo em uma situação difícil (P7).

É evidenciado que o controle sobre o inconsciente é viabilizado quando se tem calma durante as situações difíceis. O inconsciente pode e precisa ser dominado por meio da organização e planejamento. Esse desenvolvimento somente é possível quando a pessoa já tem um determinado nível de experiência de vida. A fala de um participante pode ilustrar esta ideia:

Eu acho que muitas vezes sim, mas eu acho que eu consigo me controlar. Eu acho que eu tenho esse autocontrole talvez por causa da idade também, idade influencia muito. Estou numa maturidade, então você não faz mais as coisas aleatoriamente. Você já faz consciente daquilo que você está querendo. Hoje em dia se eu pegar e falar que vou fazer, eu vou fazer. Quando eu era mais nova eu fazia as coisas inconscientemente e depois que eu via as consequências de fato (P11).

A manifestação de algum aspecto inconsciente é, portanto, um sinal de falta de maturidade ou de algum transtorno ou sofrimento psíquico, o que pode ser visto claramente na verbalização a seguir:

Um conceito assim, rapidinho, em geral né? O inconsciente é o vazio né? É uma coisa muito ruim, assim em termo se for pra gente sentir, se for passar pra atitude, tem várias partes, assim eu acho e uma atitude inconsciente no caso, um evento, é fora do... Não tenho as palavras certas no momento, depois tu tira tá? Um vazio, vamos conceituar assim, rápido (P2).

Na linha compreensiva dos sujeitos, é primordial desenvolver o controle do inconsciente e reprimi-lo, já que ele é negativo e pode sempre ocasionar alguma situação

de sofrimento no cotidiano. Esta concepção vai na contramão do que a psicanálise traz acerca de uma relação saudável do sujeito com o inconsciente. Explicando melhor, a psicanálise objetiva por meio da análise, que o sujeito seja capaz de apropriar-se do discurso do inconsciente a fim de se deparar com a complexidade de suas motivações, sintomas e fantasias. Somente assim, o sujeito pode ser capaz de compreender seu verdadeiro desejo, sustentá-lo e caminhar em direção a ele. Isso sim, de acordo com a teoria psicanalítica, seria alcançar maturidade psíquica e vida saudável, em que o sujeito se implique em suas atitudes e lute por uma ética do desejo (CALLIGARIS, 2004).

Ou seja, para a psicanálise, em nenhum momento a manifestação do inconsciente é algo negativo; pelo contrário, é um aspecto típico do psiquismo humano, ao qual se deve enfatizar e dar atenção. Além disso, as concepções mais atuais quebram a ideia de inconsciente como algo individual, o inconsciente é visto como a instância que rege o sujeito constituído a partir do laço com o outro, laço discursivo, recriado a cada relação e que, dependendo da modalidade de laço social, pode mostrar aspectos das mais diversas configurações. Desse modo, articula-se ao social e ao político, pois provoca um abalo na convicção do individualismo e apresenta outra ética – a de um sujeito que abarca a potência do desejo e que faz valer o saber criativo para além da obediência das regras impostas como conformismo social. Apresentando assim, um aspecto positivo e socialmente válido do inconsciente, em oposição a esta ideia íntima, misteriosa e perigosa que é normalmente difundida. (ROSA, CARIGNATO & BERTA, 2006).

Os alunos, por serem considerados menos maduros, apresentam maior possibilidade de evidenciar o inconsciente em suas atitudes, por agirem de modo irracional, espontâneo sem a maturidade que seria típica da vida adulta. Sobre a manifestação do inconsciente na escola, há a crença de que *“Se reflete muito nas atitudes dos alunos. Devido à idade deles, eles agem e reagem de maneira inconsciente e irracional”* (P12).

As manifestações do inconsciente teriam nos alunos uma ação mais forte devido à pouca experiência de vida, pouca maturidade e falta de habilidade para controlar esses impulsos instintivos. Esse inconsciente se manifesta por meio de comportamentos indisciplinados, violência dentre outros. Conforme o sujeito P12 verbaliza: *“eles tem vários, são várias, têm várias crianças com problemas, desse lado, né? (...) Eles são, são... temos alunos rebeldes... que apresentam muita violência, muito... (...) É. Isso eu já observei.”*.

Ideia reafirmada pela fala de outro participante, quando este se refere à expressão do inconsciente na escola:

Nas crianças você percebe muito. Não sei se é a fase delas, não tem muita noção das coisas, do mundo, da vida, as coisas que estão girando ao nosso redor. Nas crianças a gente percebe mais (P7).

Frente a esta compreensão, busca-se refletir sobre a base destes conceitos. Acerca do inconsciente em crianças, Melanie Klein (1991), a partir de suas experiências clínicas com crianças, acredita que o que compõe a fonte real das ações e reações dos seres humanos é o mundo interno das relações de objeto e das fantasias inconscientes, evidenciando que as crianças também possuem inconsciente. Talvez seja neste sentido que os alunos parecem estarem mais vulneráveis ao inconsciente.

Esta compreensão está ligada também ao fato de que os alunos apresentam comportamentos espontâneos, sem defesas fortes, mas os psicanalistas que trabalharam com crianças, aqui em específico, Melanie Klein (1991), necessitou desenvolver um arsenal técnico, para conseguir acessar este inconsciente infantil evidenciando que as crianças também possuem defesas bem estruturadas quanto a estes conteúdos, angústias e que as expressões inconscientes se dão seguindo um modo semelhante de funcionamento. Assim sendo, uma maior ou menor expressão do inconsciente (se é que é possível esta mensuração) não pode ser determinada por questões etárias. Ocorrem manifestações do inconsciente no cotidiano escolar de um modo global, isso porque onde há sujeitos em relação, há também psiquismo em relação. Isso envolve a inscrição do sujeito no social por meio de seu inconsciente e de suas atitudes frente ao outro, como seu desejo que também é desejo do outro.

Neste sentido, a escola constitui o espaço em que se aprende a ter o controle sobre os instintos e sobre seu inconsciente. Além disso, também não é o local para manifestá-lo, tendo em vista que isso atrapalha o processo de ensino-aprendizagem e o convívio em grupo. Isso porque a escola é tida costumeiramente como um espaço formal onde se realiza a educação, no sentido de passagem de conhecimentos necessários a estes seres imaturos e carecidos desta transmissão para a possibilidade de uma vida em sociedade.

b. Inconsciente: fomento do laço social.

Este núcleo trata do aspecto relacional interpessoal, onde o inconsciente aparece como mediador do laço social, seja um laço social harmonioso ou laço social fundado no

conflito. O que se evidenciou é que o inconsciente atua nas relações interpessoais, mas que as pessoas podem escolher entre atuar de forma positiva ou negativa. Essa escolha da maneira de atuação serve para que não prejudique as relações interpessoais. A verbalização a seguir expressa esta concepção sobre inconsciente nas relações interpessoais:

Atua, eu acho que a gente não pode deixar atuar de forma negativa, né? é por exemplo, as coisas ruins que aconteceram há muitos anos com um casal, por exemplo, eu acredito, tem que deletar, fazer um esforço pra não lembrar, não ficar relembando, ficar lá estacionado (P3).

Neste sentido, podemos lançar um olhar sobre concepção de Kehl (2009), acerca do inconsciente no social, segundo a qual as manifestações do inconsciente no coletivo são restos não-simbolizados da ordem social, restos que não estão na possibilidade de serem decifrados pela língua, mas deixa claro que a repercussão do social em cada indivíduo deve ser escutada e analisada dentro de sua singularidade.

Assim, a concepção dos participantes é que é possível optar sobre tipo de desdobramento que o inconsciente terá nas relações entre os sujeitos. Este processo pode ocorrer de quatro maneiras diferentes trazidas pelo *corpus* da pesquisa, (1) influência negativa, (2) registro de fatos vivenciados socialmente, (3) retorno de conteúdos mal resolvidos do passado e (4) manifestação de uma ligação não verbal.

1. Influência negativa

A primeira maneira é quando há influência nas relações interpessoais de um modo negativo, onde o inconsciente se manifesta por meio de comportamentos impulsivos, com conotação agressiva, o que prejudica a convivência em grupo. Onde o estabelecimento do laço social ocorre de modo a se fundar no conflito, “*Se a pessoa não tiver um tratamento comportamental, psicológico adequado, isso pode trazer, né? Uma resposta social*” (P3).

Evidencia-se claramente a ideia de que o inconsciente é algo ruim e que a pessoa precisa de um tratamento para que as relações interpessoais não sejam influenciadas negativamente por ele. Isso ocorre porque as ações que tem o inconsciente como causa, origem ou influência são ações tipicamente impulsivas, involuntárias e algumas vezes não-intencionais. A ideia trazida por um participante ao responder sobre a interferência do inconsciente na vida das pessoas, ilustra esta concepção:

Posso dar um exemplo, inclusive quando você não age com a razão e age com a emoção acaba se arrependendo de determinadas situações. Então inconscientemente

you agribe alguém com palavras, inconscientemente you agribe pessoas até fisicamente, tipo, alguém pisou no seu pé e you tem uma reação. Inconscientemente eu dou uma pisada nessa pessoa. (P11).

O inconsciente se manifesta nas relações interpessoais que estão permeadas pelo conflito, neste sentido associamos à ideia de laço social da Psicanálise, trazido por Freud, segundo o qual a saída da infância impõe ao sujeito um trabalho intensivo de elaboração do laço social a partir das referências simbólicas transmitidas pela cultura e representadas pelos ideais, podemos observar que o sujeito é afetado pelos impasses relativos a essa transmissão, o que influencia de modo determinante a instituição do laço social.

Para compreender este conceito, parte-se da teoria dos discursos de Lacan (1992), onde se apreende que existem quatro discursos – o discurso do mestre, o discurso da histórica, o discurso analítico e o discurso universitário – que servem de fundamento para o laço social. Todo discurso implica uma articulação do campo do sujeito com o campo do Outro, princípio de todo laço social. Entende-se, neste sentido que a psicanálise trabalha com o sujeito do inconsciente, portador de uma falha fundamental, que o caracteriza como faltoso. É esta falta que o torna um sujeito desejante, que promove o laço social e o torna parte da civilização. Isso pode desembocar nos mais diversos tipos de relações, incluindo a ideia de relação por meio de conflito estabelecida pelo inconsciente.

2. Registro de fatos vivenciados socialmente

Uma segunda maneira de estabelecimento deste laço é por meio do registro de fatos positivos vivenciados em conjunto, que podem ser resultantes em boas marcas no psiquismo e aprendizados considerados positivos para a vida. Como na verbalização as seguir que também está fazendo referência à atuação do inconsciente nas relações:

Sim, claro. Tem... É importantíssimo, porque dependendo do desenvolvimento humano, das coisas boas que nós praticamos, dos valores que nós aprendemos, são marcas que ficam no ser humano e que vai e depois ele retorna em termo de aconselhamento, de orientação, né? De regras da sociedade, de comportamentos, coisas boas ou também podem vir à tona coisas ruins praticadas pelo ser humano, que às vezes [...] (P4).

O inconsciente aparece aqui como a instância de registro que tem função de guardar os aprendizados que foram experienciados ao longo da vida, em parceria, o que evidencia que o inconsciente é também construído de maneira relacional.

Neste aspecto, evidencia-se outro viés do psiquismo humano no estabelecimento de sua relação com o outro. Freud (1996) sugere que o laço social, criação de Eros, pode ser

entendido como uma solução para o desamparo. Entretanto, tal solução se mostra uma ilusão, no sentido freudiano do termo: uma crença motivada pela realização de um desejo. Essa ilusão se baseia na necessidade de proteção através do amor. Isso pode ocorrer por meio de formações grupais, estabelecimento de laços fraternais entre amigos etc.

Freud (1989) teoriza que ao longo da vida, reagimos às inevitáveis situações de desamparo que temos que enfrentar segundo o protótipo construído na infância: frente à angústia, buscamos alento no mundo interno ou nas construções imaginárias e simbólicas: os laços sociais que o mundo externo nos oferece fazem parte destas construções. Nesta perspectiva, os laços que estabelecemos para lidar com o desamparo psíquico variem segundo a cultura e o momento histórico. Todos nós, a sua maneira, estamos sempre em buscas de utopias na esperança que elas nos tragam de volta o Paraíso perdido.

3. Retorno de conteúdos mal resolvidos do passado

O terceiro modo de influência nas relações interpessoais é quando as marcas deixadas no inconsciente por acontecimentos do passado são trazidos à tona em meio a uma discussão ou um conflito. O que deveria ter sido resolvido ou esquecido volta de modo mais violento, causando de algum modo, conflitos entre as pessoas envolvidas, ideia evidenciada na fala a seguir:

Às vezes numa discussão você fala coisas inconscientes, você fala o que tá guardado lá dentro, que há muito tempo você vem sentindo e na hora de uma discussão você joga tudo, quando você percebe, já tava na tua cabeça e quando você percebe já saiu pela língua, entendeu? Então eu acho que é isso, então eu acho que todo mundo tem isso, todo mundo (P9).

Inconsciente aparece como local de acúmulos de mágoas/marcas passadas/ conteúdos mal resolvidos que são expressos em situação de que retomem o tema, geralmente situações de estresse nas quais se perde o controle. O que ocasiona brigas e conflitos, que deveriam ter sido evitados pelo esquecimento, ou seja, o inconsciente deveria ser controlado pela inserção sociocultural do sujeito.

Nesta linha, Freud (1996) acreditava que o trabalho da cultura dominaria o pulsional. O recalçado retornaria sob um modo aceitável pelo grupo (sublimação), fazendo com que, por um lado o sujeito perca ao privar-se de uma satisfação pulsional, mas, por outro lado, a cultura, o grupo, ganhe.

Posteriormente, porém, ele chegou a mencionar, contrariamente a proposição inicial, que as nações em guerra são, justamente, as mais “civilizadas” ou que os homens mais brilhantes, os sábios, regrediram a um estado de barbárie que em nada deixava a desejar aos povos ditos primitivos ou aos neuróticos graves.

O retorno do recalcado, que se mostrou violento, provocando a perda das aquisições culturais e a volta às condições primitivas, jogou por terra suas hipóteses relativas a uma evolução da humanidade a partir de aquisições, aprimoramentos, conforme afirma na frase: “a própria ênfase dada ao mandamento ‘Não matarás’ nos assegura que brotamos de uma série interminável de gerações de assassinos, que tinham a sede de matar em seu sangue, como, talvez, nós próprios tenhamos hoje” (FREDU, 1996).

O teórico chegou à conclusão que a evolução biológica, o progresso tecnológico, e a constante aquisição de novos conhecimentos graças à fase científica da evolução do pensamento da humanidade, não produz nenhum progresso psíquico. Ainda que exista “progresso” no que diz respeito aos objetos de satisfação ou aos modos de repressão interiorizados ao longo da história, os conflitos de gerações que sempre existiram, continuarão a existir. As experiências pessoais, os “conselhos”, os modos de satisfação, e, sobretudo, os de evitar o sofrimento, não podem ser transmitidos, o que faz com que a história dos seres humanos seja um eterno recomeçar.

A inserção cultural nada mais faz do que criar estratégias de recalque e repressão que mascaram o mal-estar inerente à cultura. As demandas e as vicissitudes pulsionais – sobretudo o par amor/ódio – em nada alteraram com o passar dos milênios.

Destarte, os laços sociais não estão imunes às estas vicissitudes. Os conflitos evidenciados no discurso dos participantes mostram que basta um pequeno movimento, uma ameaça narcísica, um risco de perder o objeto de satisfação, de perder uma crença, para que as ligações de Eros se desfaçam.

4. Manifestação não verbal de um vínculo

Um quarto tipo de relação que é possivelmente mediada pelo inconsciente é uma ligação não verbal, onde se estabelece um vínculo sem a necessidade da fala oral. Isto pode ocorrer de duas maneiras: a primeira é relativa à empatia, funciona como se fosse um pressentimento, de acordo com a fala a seguir:

Dizem que você pressente quando uma pessoa vai ser legal como você ou não, quando uma pessoa que se transmite positividade ou negatividade. A mim às vezes acontece de observar uma pessoa e inconscientemente não gostar da pessoa de

imediate, eu acho que isso é normal do ser humano. Sem conhecer a pessoa você tirar preconceito a respeito da pessoa (P14).

A segunda maneira é novamente referenciada à construção relacional do inconsciente, mas desta vez com outro desdobramento:

Mas, por exemplo, eu com meu esposo em casa. De alguma forma inconsciente ele adivinha meus pensamentos, quando eu quero algo. Eu não sei se é porque ele me conhece, sabe meus gostos, o que eu gosto de fazer, o que eu gosto de ver e de ler. Geralmente quando ele sai, que ele vê um livro, uma coisa, ele compra para mim. Eu digo “Como você sabe que eu estava desejando comprar, mas não tinha tido tempo?” eu imagino que quando fala de inconsciente seja mais ou menos por aí (P5).

Inconsciente pode ser algo que se constitui nas relações interpessoais devido à proximidade e à convivência. Expressa a ideia de que o inconsciente é expresso quando a pessoa age espontaneamente e até de modo como uma “adivinhação”, que ocorre por conta da proximidade relacional, da convivência mais estreita entre as duas pessoas.

Segundo Kehl (2009), o inconsciente em Freud não é estritamente individual. O domínio do discurso é, para ela, o campo da realidade trasindividual do sujeito. O inconsciente é aquela parte do discurso concreto enquanto transindividual que não está à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente.

Na perspectiva analítica a oposição individual/coletivo não é válida, e o desejo que o sujeito visa decifrar é sempre o desejo do Outro. Ocorre que o Outro não está em lugar nenhum. Ele é a própria condição que move o sujeito em suas empreitadas para fazer-se reconhecer através do uso da linguagem.

As formações do inconsciente, como fenômeno de linguagem, são tributárias da estrutura desse órgão coletivo, público e simbólico que é a língua em suas diferentes formas de uso. Neste sentido, as manifestações não verbais são também um tipo de discurso, pois se fala com os atos, com os afetos, bem como se afeta com o falar, como é o caso verbalizado pelos participantes. (KEHL, 2009).

c. Formação acadêmica e formação continuada: o inconsciente em questão.

Este núcleo mostrou-se importante para a construção de significados acerca do inconsciente. As ideias trazidas por eles foram de algum modo apoiadas em conceitos

mencionados, ouvidos ou lidos durante aulas, cursos, palestras etc. Todos os sujeitos são profissionais da educação, que possuem nível superior de ensino ou estão em curso na faculdade, por este motivo, todos ouviram falar sobre inconsciente pelo menos uma vez durante aulas de Psicologia. Apesar disso, eles mostram em alguns momentos, dificuldades de articular seus significados e verbalizam sobre a demanda para uma formação continuada que tenha este como tema central. Subdivide-se em três subcategorias (1) Formação acadêmica, (2) Formação continuada e (3) Relevância de formação sobre o inconsciente, as quais serão explanadas a seguir:

1. Formação acadêmica

Em relação à formação acadêmica, muitas falas se aproximam desta:

Eu tou tentando lembrar aqui, porque eu já li sobre o inconsciente, mas eu não... Não tou me lembrando direito entendeu? Aí eu tou tentado ver o lado do inconsciente. Porque eu já aprendi sobre isso. Mas tem sim... Eu não sei te dizer algumas coisas assim, que o professor falava sobre o inconsciente. É que eu não tou... Entendeu? No momento deu um branco. (P1)

Percebe-se uma falta de subsídios linguísticos que possam sustentar uma conceituação mais concreta por parte dos sujeitos. Apresenta-se também a ideia de que há muito tempo ouviram, estudaram ou leram sobre o tema, de modo que atualmente, não se lembram mais do que se trata, como a fala de um participante evidencia: *“Olha, eu me formei na faculdade em 98 e eu tive no primeiro período, ou seja, em 93 eu tive Psicologia. Então foi há muitos anos atrás. E eu estudei assim, né? aula aí... o que eu acho que é o inconsciente?”*

Além disso, há também a ideia de que as graduações que são oferecidas atualmente não preparam os profissionais para o trabalho pedagógico, num processo que pode ser relacionado com o sucateamento do ensino superior, o que prejudica principalmente os alunos e o funcionamento da escola de um modo global. Sobre a validade de estudo sobre o inconsciente para os professores, pedagogos e gestores evidencia-se a seguinte compreensão:

Com certeza, até pra tirar todas essas dúvidas sobre inconsciente, acho que elas também tem. Entender o inconsciente mesmo assim. Então acho que seria bem interessante. Até porque o principal problema da escola é docente, uma falta de preparo dos profissionais e eu tou assim, muito assustada com isso. O problema é que as pessoas falam assim. “99 % dos professores da rede estadual e municipal já são graduados”. Tá. Eles têm uma faculdade que pode ser particular, pode ser a distancia. Eles não têm preparo. Não teve um preparo efetivo, fez uma faculdade,

uma graduação, que a gente sabe como é graduação, se você estudar você vai aprender, mas se você só fizer trabalho, numa boa, se preparar praquele momento você passa. (P8)

O participante faz referência à qualidade da formação oferecida aos professores da escola. Ao discutir essa problemática é essencial considerar o contexto epistemológico e socioeconômico no qual estão inseridos tais sujeitos. Neste sentido, é válido lançar um olhar sobre o processo de globalização, as ideias neoliberais e suas consequências para a prática e saber docente.

O processo de globalização da economia e o avanço das ideias neoliberais colocam à sociedade brasileira a busca por transformações na educação, o que tem originado vários questionamentos, especialmente no que tange a produção do conhecimento nas instituições de ensino superior (CHAUÍ, 1998).

A educação vem ocupando um papel estratégico no projeto neoliberal, pois se de um lado visa preparar para o trabalho, garantir a formação do trabalhador com automação e funcionalidade, por outro, visa consolidar as ideias liberais. Pensa-se, então, que a qualidade do ensino superior apresenta-se comprometida, pois as instituições de ensino superior que deveriam voltar-se para a formação do cidadão crítico e reflexivo ficam submetidas aos discursos embutidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais, nem sempre contemplando estes quesitos.

Políticas públicas neoliberais, mais conjunturais que estruturais, empurram as universidades a situações em que, para sobreviverem, têm que se adaptar às leis de mercado, o que normalmente prejudica a pesquisa e a extensão (SGUISSARDI, 2002).

As leis de mercado exigem a preparação de profissionais prontos a atuar; fato percebido e problematizado pelo participante da pesquisa. Como se as universidades funcionassem quase que numa linha de produção, pois ao formando não interessa a pesquisa, a extensão, a produção do conhecimento; ao contrário, sua intenção é obter colocação no mercado de trabalho. Importante ressaltar que, se ao professor, como dito acima, não interessa a pesquisa, é porque o mercado exige dele unicamente a formação. A universidade que caminha no sentido de produzir conhecimento corre o risco de não ter clientela suficiente a justificar a manutenção de suas atividades de extensão e pesquisa.

E nesse aspecto, até mesmo a formação do docente fica prejudicada, pois é exatamente na pesquisa e extensão, protagonizadas pela pós-graduação que o docente se qualifica, se recicla, se atualiza. Saviani (2004) informa que uma das tentativas de reverter esse quadro foi o restabelecimento da norma que inclui como uma das características da

universidade a exigência de que pelo menos um terço dos docentes sejam mestres ou doutores. Entretanto, a mercantilização do ensino e as ideias neoliberais, aliadas ao sucateamento das universidades públicas, não têm permitido a vinculação entre ensino e pesquisa. (SGUISSARDI, 1998).

Um estudo sobre inconsciente seria benéfico, segundo a concepção do corpus da pesquisa, pois assim se poderia ter maior compreensão do que se trata, tendo diversificadas utilidades, variando de sujeito para sujeito em sua prática docente. Porém, no seio do sucateamento da universidade em que se produzem professores em serie, deixando de lado, muitas vezes, a formação crítica e inovadora, é fácil pensar que não há espaço para este tipo de formação, seja nos cursos de graduação, seja nos cursos de formação continuada que visam, na maioria das vezes, saberes práticos imediatos que atendam a exigências estatísticas governamentais.

2. Formação continuada

Há neste aspecto, uma descrença por parte dos sujeitos no que se refere às formações oferecidas pela Secretaria de Educação. Quando mencionado sobre formação continuada, um dos participantes relatou que não há formação continuada em nenhuma escola onde trabalhou e que atualmente participa de uma formação mensal voltada para SAEB, uma prova que avalia o Ensino Básico e mostra-se incomodada com a prática vigente de formação continuada:

A gente vai pra lá. Eles dão um monte de papel, um monte de apostila pra gente ler. E esse ano eles não se deram nem o trabalho de mudar a apostila, foi a mesma do ano passado. Ai eu falei “mas, sim, cadê novos ensinamentos? Novas metodologias? Vamos trocar ideia aqui, me ensina, me mostra como é que tu dá um aula de multiplicação com dois números, eu vou te mostrar que eu tenho uma técnica de divisão de um outro jeito. Vamos interagir, vamos mudar as nossas, os nossos conhecimentos” Isso aí não existe. É você ficar quatro horas de uma tarde lendo um texto, então pra mim isso não é formação continuada. Se é pra me dar um texto, me dá que eu vou ler na minha casa. Então eu acho que está faltando gente capacitada lá em cima pra poder ir abrindo o leque de baixo pra gente. (P9)

A fala evidencia uma análise do funcionamento da secretaria no lidar com a formação dos professores, traz a ideia que os dirigentes não têm capacidade suficiente para conseguir articular as formações de forma proveitosa para o fazer pedagógico do profissionais. Isso pode ser olhado como uma questão política, pois parando para pensar a maneira pela qual esses dirigentes chegam aos cargos, percebe-se na maioria das vezes

situações em que não há qualificação acadêmica e nem prática para tal função, o que finda por prejudicar o processo de ensino de um modo generalizado. As formações assumem neste sentido, um caráter meramente teatral, não sendo significativas e nem úteis em nada na prática docente. Ou seja, elas servem como tentativas do governo de cumprir suas metas estatísticas, deixando de lado o compromisso com a educação e com o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, chega-se a conclusão que antes mesmo de pensar sobre temas na formação dos professores, como é o caso do inconsciente no processo de ensino-aprendizagem, é necessário fazer uma reflexão sobre a maneira como se tem disseminado a prática da formação continuada, quais são os seus reais objetivos e de que modo elas pode inferir e interferir na prática pedagogia no sentido de ocasionar mudanças, melhorias, transformações, busca de respostas e mesmo de questionamentos sobre o fazer docente.

3. Relevância de formação sobre o inconsciente

Sobre a relevância de tratar sobre o tema em formações continuadas, são evidenciados três posicionamentos. São eles (1) a validade de formação neste tema; (2) não relevância para a prática profissional e (3) posição indiferente.

1. Validade de formação neste tema

Os sujeitos que consideram importante e/ou interessante pesquisar e conhecer mais sobre o tema utilizam três argumentos para defenderem suas ideias:

(i) Primeiro devido à escassez de discussões acerca do tema, isso porque não há um amplo conhecimento sobre este tema na área da educação, não há disseminação deste saber. Quando interrogado sobre a importância de discussão sobre inconsciente nas reuniões pedagógicas, um participante trouxe a seguinte verbalização:

Sim! Claro! A gente tá abordando aqui que sem o consciente não vive sem o inconsciente, há uma permuta aí bastante significativa. Agora, o que falta é esclarecer mais sobre isso, está faltando esclarecimento sobre isso. Até porque a própria literatura do inconsciente no fazer pedagógico, acho que ainda não disponibilizaram assim com bastante clareza, com bastante incidência mesmo né? essa questão em novas discussões. Ou dentro do macro sistema ou na própria, no próprio ambiente escolar, eu não conheço. Eu não conheço! Assim, focado pra isso. Tipo: sem inconsciente não teria o fazer pedagógico. Não! (P4)

Neste aspecto, inferimos que a formação de professores atualmente ainda se encontra envolta nos limites dos saberes universitários e, de fato, conforme argumentação de Monteiro (2005), se constitui num apanhado de discurso pretensamente científicos, racionais, lineares, cujas leituras da realidade abrem possibilidade de orientações para as práticas escolares e rejeitam a ideia do “não saber”. Isso conduz a uma crença de que há possibilidade de controle dos resultados, da disciplina e do desenvolvimento.

(ii) Segundo porque o cotidiano do professor é bastante árduo, cansativo e o contexto atual de atuação docente está repleto de problemas com os quais o profissional da educação deve conseguir lidar. Neste sentido, um conhecimento sobre inconsciente pode facilitar o sujeito a conhecer seus aspectos psíquicos e manter o equilíbrio frente às problemáticas atuais do fazer pedagógico.

Tendo em vista que as condições de trabalho que envolvem perda de autonomia e com aumento das atividades de trabalho são promotoras de grande desgaste físico, mental e psicológico, as quais têm reflexos negativos sobre os professores, que se sentem cansados com tantas atividades, e com o fato de perderem parte da autonomia de trabalho e, ao mesmo tempo, seu valor social. Nesta direção, a fala de um participante relaciona o cotidiano do professor a questões de adoecimento psíquico e faz referência a atendimento terapêutico como importante nesta profissão:

Tudo que vier repensar o comportamento do ser humano, nessa, nesse aspecto social, sua vivência, de stress absoluto, de perseguição, de mal estar, de desamor, de uma série de fatores que ocorrem na vida desses educadores, vai fazer bem. . Quem dera de todo educador uma vez por mês pudesse fazer uma terapia, num psicólogo, deitar lá falar tudo e que pensa na vida e receber um retorno, porque quando você vai ao psicólogo, ao psiquiatra, você que você abre muitas portas, se você não dorme direito, se você está eternamente preocupado, aí que você vê que você está... Doente. E... Essas doenças, doenças desse século, né? Têm afetado muito o comportamento do outro, a relação do outro, eu tenho me preocupado, eu mesma jê fui ao psicólogo, eu achei muito legal, né? Porque todo mundo pensa que quem vai ao psicólogo, ao psiquiatra é porque está doido, não é. É.. Uma maneira de você... Relaxar. Essa questão do desamor, a questão financeira que não está adequada na sua vida, as palavras grossas que a pessoa trocam no dia-a-dia, isso vai ficando, ainda que não pessoa responda o que me xingaram, mas fica marcado. (P3)

Faz-se válido ressaltar que a fala deste participante traz palavras negativas associadas ao contexto em que o trabalho pedagógico é realizado. “stress absoluto” “perseguição” “desamor” “doença”, como se fossem resultados de marcas deixadas no inconsciente por conflitos mal resolvidos. Estes aspectos devem ser resolvidos terapeuticamente.

Na linha de pensamento trazida, deve-se analisar a educação escolar como submersa

no interior do complexo de produção e reprodução capitalista e sujeitas a configurações relacionais pós-modernas, guiadas pelo não distanciamento entre sujeito e objeto. Daí, o desencadeamento de novas formas de trabalho nas instituições escolares, o que coloca em questão o objeto do trabalho do professor: o saber e a formação humana. Tal condição desencadeia um conjunto de características relativas ao trabalho do professor que se expressam, entre muitos possíveis aspectos, por meio do adoecimento, ocasionado pelo estresse em sua maioria das vezes, e geradoras de diferentes problemas.

A identificação destes processos de adoecimento faz-se necessária para auxiliar na compreensão de como a categoria se caracteriza no que diz respeito aos enfrentamentos das situações de trabalho, mediadas pelas políticas educacionais, e quais os fatores geradores destes processos de adoecimento. Porém, este não é objetivo deste estudo.

(iii) O terceiro argumento relativo à validade de formação sobre inconsciente seria para tentar compreender as manifestações do inconsciente dos alunos no contexto escolar, que são considerados por eles um fator negativo (seja por atrapalharem o processo de ensino-aprendizagem, seja por atrapalhar o convívio escolar) e representam problemas para os quais os docentes muitas vezes não possuem o manejo ou a solução adequada. Conforme se verbaliza na fala do participante P7 *“é bom o professor ter uma base das ideias psicológicas para ele poder compreender porque determinada pessoa age de determinada maneira”*

Posteriormente, o mesmo participante retoma o ponto e fala:

Eu não tenho um conceito aprofundado com relação ao inconsciente e que benefício isso traria para o processo ensino-aprendizagem. Tendo esse conhecimento eu faria uma análise, eu, como professora o que eu poderia fazer no meu dia-a-dia me aprofundando nesse tipo de conhecimento. Se o aluno agir de uma determinada forma, então já sei porque que ele agia daquela forma, qual a situação dele, qual o problema dele . (P7)

Além disso, neste mesmo argumento, tem-se que a compreensão do funcionamento do inconsciente dos alunos poderia facilitar também o processo de ensino-aprendizagem, conforme afirma o participante p8: *“para que uma criança aprenda, ela consiga seus objetivos eu acredito que tudo é válido. Eu acredito que inconsciente está relacionado a isso”*. Ou seja, é a crença de que um estudo sobre inconsciente para os professores poderia aumentar as possibilidades das crianças alcançarem os objetivos de aprendizagem propostos pela escola.

Não deve passar despercebida a notável reincidência do controle como possível e

desejável maneira de lidar com o inconsciente, seja para evitar os seus danos ao processo de ensino-aprendizagem, seja para facilitar este processo.

Para pensar esta perspectiva trazida na pesquisa, pode-se refletir no argumento de Camargo (2006) quando esta se refere à pretensão pedagógica de ensinar. Segundo ela, é estranha a crença ilusória na possibilidade da ação educativa e/ou pedagógica ser levada a cabo de maneira controlável, racional e consciente, pois aceitar tal pressuposto seria o mesmo que desconsiderar, em todas as nossas ações e pensamentos, o inconsciente que nunca cessa de permanecer em campo, queiramos ou não. Ainda que o educador esteja atento para qualquer manifestação inconsciente no sentido de controlá-la ou impedi-la, isso não seria possível.

Nesta linha intelectual, evidenciamos que o sujeito da psicanálise na aprendizagem é o sujeito dividido, sujeito das formações do inconsciente, que transforma ou metaboliza através de formações do inconsciente quaisquer conteúdos, processos cognitivos ou recursos tecnológicos. A aprendizagem é, neste caso, um processo de transformação por resolução ou dissolução de antigas formações em novas formações do inconsciente.

2. Não relevância do tema para a prática profissional

O segundo posicionamento quanto à formação continuada diz respeito aos sujeitos que não consideram importante uma formação continuada que tenha como tema o inconsciente, isso porque acreditam que existem aspectos mais relevantes sobre os quais se deve refletir no contexto educacional, as questões socioeconômicas, por exemplo:

Sinceramente, assim a priori não. Eu não consigo enxergar nada tão visível. É mais comportamental, a gente tem que analisar a massa, o comportamento da sociedade, depois de cada indivíduo. Eu não fico parando para pensar muito nisso. (P12)

A fala evidencia o entendimento que o inconsciente é um aspecto secundário no contexto educacional. Existem outras variáveis que devem ser consideradas ao pensar na educação, como as questões sociais. Posteriormente a isso, pode-se pensar nessas questões psíquicas. Este posicionamento evidencia que alguns participantes estão mais preocupados com questões mais amplas, socioestruturais da educação e do processo de ensino-aprendizagem. Isto porque a escola está direta e constantemente relacionada à sociedade. Bock (2003, p.146) diz que “[...] a escola é lugar de conflito, de embates, de relações

construtivas que precisam ser analisadas e compreendidas, para que o conjunto que ali trabalha e estuda possa intervir e interferir na sua própria construção”.

Por outro lado, não deixa de evidenciar um não reconhecimento por parte desses participantes do que há de social e político na consideração do inconsciente no processo de ensino-aprendizagem, no que há de inconsciente no estabelecimento das relações escolares e de aprendizagem.

Kehl nos traz que o sintoma diz respeito necessariamente ao laço social, visto que o sintoma é um modo de gozar; uma espécie de formação erótica substitutiva, modalidade do laço social. Segundo ela, a cada civilização correspondem algumas modalidades de gozo e “nenhuma reflexão crítica sobre a ordem social pode prescindir da análise dos dispositivos do engajamento libidinal dos sujeitos nas estruturas simbólicas que a determinam”. (2009, p.27)

Estando este aspecto ausente na reflexão aqui evidenciada. Ausência que pode ser atribuída a diversos fatores, desde ausência na formação até dificuldades individuais em concordar com tal preposição, porém, não é objetivo deste estudo se alongar na busca causal de tais fatos, principalmente por termo em mente que os significados são produções individuais, fundadas nos contextos, mas que estão sujeitos a transformações subjetivas.

3. Posição indiferente.

Há ainda uma terceira posição, numericamente menos significativa que são os sujeitos que não sabem se seria importante para a formação e preferem não assumir uma postura por não terem conhecimento dos possíveis benefícios práticos de desenvolver estes conhecimentos, este posicionamento pode ser elucidado com a seguinte fala relacionada a importância de formação voltada para o inconsciente “*Eu não sei afirmar isso. Eu não sei o objetivo real que iria fazer essa ligação entre o inconsciente e o ensino-aprendizagem*”.

A verbalização mostra a postura indiferente a estes aspectos, o que evidencia que o inconsciente, bem como os seus desdobramentos no cotidiano escolar, não constituem elemento de discussão nas escolas e tampouco são fatores significativos na concepção destes sujeitos.

Esta concepção que ignora o sujeito barrado da psicanálise é ilustrativa para a argumentação de Soler (2009) quando esta menciona que consequência política de toda essa contribuição da psicanálise é imediatamente perceptível. Porém, num mundo marcado

pelo discurso científico comandado pelo capitalismo, o sujeito do inconsciente está completamente excluído. Para fazer face a isso foi que Lacan convidou a todos os psicanalistas a se colocarem à altura das questões do nosso tempo, insistindo naquilo que Soler chamou de “o ser-para-o-seu-tempo do psicanalista”.

d. Inconsciente: uma variável a mais no contexto escolar

Núcleo relacionado ao inconsciente no contexto escolar, seus desdobramentos e vicissitudes no processo de ensino-aprendizagem. Foram evidenciadas três ideias principais relativas a este aspecto: (1) inconsciente como entrave ao processo de ensino aprendizagem, (2) inconsciente e cotidiano escolar e (3) inconsciente como facilitador deste processo.

1. Inconsciente como entrave ao processo de ensino aprendizagem

O inconsciente é caracterizado como entrave ao processo de ensino-aprendizagem porque as crianças não tem estrutura psíquica suficientemente desenvolvida para conseguir controlar as manifestações do inconsciente, conforme a verbalização sobre o inconsciente no processo ensino-aprendizagem mostra:

Eu não sei, eu nunca parei para analisar. Mas pode ser que sim porque a gente está lidando com crianças que não têm muita noção da vida, das coisas, das situações e da visão do mundo. Elas chegam na escola muito sem essa noção e pode ser que de alguma forma haja uma relação. Não sei te dizer exatamente. (P5)

Essa falta de maturidade para o controle faz com que as crianças apresentem problemas comportamentais no contexto escolar como uma das manifestações do inconsciente, o que dificulta a aprendizagem, como a seguinte fala evidencia:

Nas crianças é nas dificuldades, né? De ser de hoje, que as crianças não tem disciplinas e as vezes as professoras não estão preparadas para resolver aquela situação de indisciplina das crianças. (P10)

Para confrontar a ideia de que as crianças estarem mais vulneráveis a acao do inconsciente, retomamos o conceito de inconsciente defendido por esta pesquisa, que não

trata-se de uma instância intrapsíquica, nem do bem ou do mal, nem se define por faixa etária ou falta de maturidade. Ao revés, rege o sujeito constituído a partir do laço com o outro, laço discursivo, recriado a cada relação e que, dependendo da modalidade de laço social, pode mostrar aspectos das mais diversas configurações.

O inconsciente é expresso de modo negativo, os professores deveriam estar preparados para lidar com estas expressões, como é o caso da indisciplina, da violência, de comportamentos inadequados que atrapalham o cotidiano escolar, a filosofia e diretrizes da escola.

Um participante evidencia em sua fala que uma das expressões do inconsciente é a violência. Mostra-se preocupado em compreender tal problemática, compreender a gênese da situação atual que é de bastante violência na maneira como os alunos se relacionam. Na tentativa de fazer alguma elaboração quanto ao fenômeno, o participante traz que: *“Há toda uma estrutura um sistema, né? A criança vem desde cedo, ela vem conduzida a presenciar cenas, ações de violência, ou na família ou na mídia, nas relações que vão sendo dadas entre as pessoas”*. (P4)

O sujeito atribui à escola, aos professores e aos pais a função de tomar alguma atitude no sentido de solucionar esta problemática, evidenciando que o inconsciente pode também ser transformado ou ressignificados socialmente, conforme a verbalização é convergente:

Então, são situação que assim, que mais eu vejo hoje que é muito preocupante, tem que tomar alguma medida pra retirar nossos filhos dessas cenas de violência, né? (...) Então, são situações que a gente tem que reeducá-los, ressignificar esses momentos que nós da escola hoje padecemos. Padecemos! (P4)

Apesar desta postura aparentemente preocupada com o fenômeno, o participante deixa explícito que a escola não é lugar em que os alunos podem dar vazão e solucionar a estes conteúdos violentos. *“Veja só, não é função da escola tá tratando a questão de violência, nosso papel é o ensino e aprendizagem. Por isso que a gente tem botar os meios aonde legalmente, legitimamente isso tem que ser conduzido pra resolver o problema da violência”*. Participante está fazendo referência a atitudes dos alunos consideradas inadequadas para o contexto escolar e que segundo ele, são resultantes do inconsciente, evidenciando que esse tipo de manifestação atrapalha o bom funcionamento da escola, suas diretrizes e filosofia.

Ou seja, a escola não deveria ser o local para que o sujeito expressasse o

inconsciente, mas ele faz isso porque em casa esses conteúdos são reprimidos, cabe então a escola conseguir dar conta desta problemática, mesmo que não seja a função dela esta articulação. Sua função seria exclusivamente a de ensino e aprendizagem. Os alunos, ao manifestarem seus conteúdos inconscientes, demandam que a equipe pedagógica desvie a sua atenção do objetivo central da escola para estes que deveriam ser secundários. Ao mesmo tempo associa a isto o sistema e as informações a que os alunos têm acesso durante o seu desenvolvimento, evidenciando a ideia de que o inconsciente tem algum tipo de influência social, relacional e socioestrutural.

Nesta questão percebe-se uma tentativa, por parte do sujeito, de afastar do convívio escolar os comportamentos que fogem aqueles previstos como os ideais a escola. É nesta direção que se tem disseminado fortemente os diagnósticos de transtornos escolares como de TDAH ou mesmo estas questões comportamentais; é uma maneira de nomear por meio do discurso do Mestre (seja ele psiquiatra, psicólogo ou psicopedagogo, aqui especificamente a justiça e a lei) estes desvios. É um processo que legitima o fato de que se estes sujeitos, por algum acaso não aprendem, é devido, exclusivamente a seus problemas individuais que desviam da normalidade. Não sendo função da escola resolver estes desvios. (CAMARGO, 2006)

Outra forma de entrave ao processo de ensino-aprendizagem é quando o inconsciente interfere na relação professor-aluno, impedindo que o aluno compreenda o conteúdo por não gostar do professor ou por querer de algum modo reivindicar sua autonomia frente ao professor. Segundo a fala do participante, isso se expressa por meio do desinteresse:

Geralmente é de achar que é dono de si, saber que eu aprendo quando eu quero, eu me interessar quando eu achar que é importante. Quando eles não gostam do professor o desinteresse aflora mais ainda. Então eu não gosto desse professor e por não gostar eu não quero aprender nada dele, não quero participar de nada, não quero que ele tire boas notas e achar por isso que está prejudicando o professor. Isso vai prejudicar ele, mas é o inconsciente deles achar que não fazendo as coisas e não estudando, não se comportando, esteja atingindo o professor. (P14)

O relacionamento professor-aluno é, portanto, atravessado por afetos de amor e de ódio (ambivalência). Na educação infantil e no ensino fundamental essas relações podem ser percebidas de maneira mais clara, já que para as crianças os professores ocupam o papel de “pais substitutos”, herdando os sentimentos que inicialmente foram endereçados a esses. Sabemos que o ato de aprender sempre pressupõe uma relação com outra pessoa: a que ensina. Essa pessoa que ensina, o professor, é colocado pelo aluno numa determinada posição que pode ou não propiciar a aprendizagem. Entre esses dois personagens do

processo de ensino-aprendizagem estabelece-se um campo de relações, que propicia as condições para o aprender, denominado transferência.

Transferir é o mesmo que deslocar algo (sentido) de um lugar para o outro, sendo que essas transferências atribuem um sentido especial à uma figura determinada pelo desejo. Na relação professor-aluno a transferência se produz quando o desejo de saber do aluno se liga a um elemento particular que é a pessoa do professor. Dessa forma, o conteúdo a ser ensinado deixa de ser o centro do processo pedagógico e a figura do professor e sua significação para o aluno é que passam a ser a chave para o aprendizado. Se um aluno, por alguma razão consciente ou não, não se sente a vontade com determinado professor, não consegue autorizá-lo a lhe ensinar algo, não gosta do seu jeito, sua postura, sua voz, com certeza, haverá dificuldades em aprender conteúdos que emanem desse professor, ainda que possam parecer interessantes ou necessários. Neste caso, o aluno pode ter transferido algo negativo para a figura desse professor que passou a ocupar um lugar de recusa na psique desse aluno, um lugar que nunca foi da pessoa real do professor, mas que, por alguma razão, esse passa a ocupar devido à transferência do aluno.

É importante lembrarmos que a transferência é um processo inconsciente, não escolhemos racionalmente amar ou odiar esse ou aquele professor ou transferir sentimentos bons ou ruins dependendo da situação. A transferência é algo que acontece sem que nos demos conta, onde o desejo inconsciente busca ligar-se a formas para esvaziá-las de seu valor real e colocar ali o sentido que nos interessa. Afirma Kupfer:

“Instalada a transferência, tanto o analista como o professor tornam-se depositários de algo que pertence ao analisando ou ao aluno. Em decorrência dessa “posse”, tais figuras ficam inevitavelmente carregadas de uma importância especial. E é dessa importância que emana o poder que inegavelmente têm sobre o indivíduo”. (1992, p. 91)

A figura do professor passa a fazer parte do cenário inconsciente do aluno, recebendo uma significação própria e, a partir de então, esse só será escutado e entendido através desse lugar que é colocado. Na verdade o professor servirá como uma “forma” esvaziada de seu valor real que receberá significações através das transferências do aluno. Este com certeza não é um lugar fácil de suportar, afinal, o professor também é um sujeito desejante, que tem vida própria. Só o desejo do professor justifica que ele esteja nesse lugar, mas estando ali, ele precisa renunciar a esse desejo para assumir o lugar de transferência e, assim, possibilitar a aprendizagem.

O professor também transfere, por sua vez, conteúdos aos seus alunos. A esse

conjunto de reações inconscientes do professor/analista à pessoa do aluno/analizando, Freud deu o nome de contratransferência. As influências dos alunos sobre os sentimentos inconscientes do professor são frequentes e resultam nos mais variados tipos de comportamentos e reações por parte de quem ensina.

2. Inconsciente e cotidiano escolar

A segunda perspectiva acerca do inconsciente no cotidiano escolar é como uma variável a mais com a qual o professor deveria preocupar-se, levando em consideração as particularidades dos alunos no processo de ensino-aprendizagem para que os objetivos propostos pela escola possam ser alcançados. A fala do participante ilustra essa ideia sobre importância dessa formação para os professores:

Daqui? Eu acho que ajudaria neste dia-a-dia, como eu tou te falando, ajudaria a abrir mais a mente, procurara ver o que favorece, aonde vai favorecer mais os alunos, não é tempo perdido, o trabalho que favorece os alunos, é procurar, fazer com que eles entendam isso, que não é em vão, que não é perdido, procurar ver que é uma vitória, ver como a professora X. Que eu te falei, vê [...] (P2)

Uma maneira de o corpo docente lidar com o inconsciente na sala de aula seria saber resolver os problemas apresentados pelos alunos, assumirem responsabilidade e assumirem essas problemáticas como um desafio a ser resolvido pelo fazer pedagógico, conforme o participante afirma a seguir, essa seria a postura desejável na sala de aula:

Na rede pública se tiver, eu acho que pouco elas vão... e se tiver, elas observarem, elas vão levar pra pedagoga, não tomar a frente, tentar resolver, nenhuma, que eu já percebi. Eu acho que... aqui tem uma que eu vejo que é bem profissional, assim, que se preocupa e que realmente cem por cento saiam com aprendizagem, como é que se diz, com cem por cento que conseguiu ser aprovado, de aprovação, é uma professora excelente, é a Professora N. Ai, pra mim, essa professora é dez! a gente vê, é diferente, é diferente de uma outra que chega e... Põe um filme, entendeu? A professora N. você diz – Professora de 4 às 5 a Sra. Tem informática hoje – ela diz – não, não, muito obrigada, não vou descer, não, eu vou aplicar um assunto novo. “Professora fulana, a Sra. tem informática – Ai! Graças a Deus! Bora meninos, guarda, guarda tudo, vamos pra informática”. (P2)

Traz a ideia de que considerar o inconsciente nas ações pedagógicas seria agir com foco na aprendizagem, no ensino, no respeito ao uso de recursos, tempo e afeto para com os alunos durante as aulas e/ou horários destinados a aulas. Neste sentido, aparece como uma das atribuições do professor dar conta do inconsciente na forma de se relacionar com

os alunos, conforme o discurso expressa:

Muitas vezes é preciso a gente pensar antes de agir, analisar a situação, antes de, por exemplo, uma criança, porque aqui eu só tenho criança, eu não posso chamar a atenção de uma criança, ela não responde por ela, de repente o adulto quer fazer isso, o que pode causar alguma marca no inconsciente e prejudicar o aprendizado. (P3)

No seio desta discussão, são mobilizados nos participantes conteúdos concernentes às atribuições do professor no exercício de sua profissão. Os tempos pós-modernos, marcados pela universalização das informações exigem uma nova educação, solicitando ao profissional da educação que modifique o seu processo de ensino, fazendo uso das atuais tecnologias da informação e comunicação da sociedade, pois, através delas são criadas novas formas de se aderir novos conhecimentos.

Segundo Libâneo (2003) o perfil para o atual educador desejado pela sociedade exige as seguintes condições: uma cultura geral ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias. Além dessas capacidades mencionadas pelo autor, é preciso ter em mente as novas formas de relação que vem se configurando na pós-modernidade; urge neste diálogo a capacidade de lidar com os desdobramentos do inconsciente no processo de ensino-aprendizagem.

Isso a fim de evitar, conforme afirma o participante na fala acima, a ocorrência de traumas decorrentes da relação entre professor e aluno, que podem prejudicar a aprendizagem.

Jerusalinsky (1999) traz uma elucidação acerca do encanto do trauma na educação. Disserta que os pedagogos demonstram ser fortemente sensíveis às influências emocionais, no processo de aprendizagem, ao papel do livre jogo dos pequenos sujeitos com a linguagem, a não reduzir a meros erros os equívocos que se manifestam, a abrir um espaço de experimentação e liberdade para a imaginação e para as diversas estratégias de ordenamento que cada criança precisa experimentar, e, sobretudo, têm descoberto o encanto do trauma: o segredo, o cochicho, a erotização, pequena mentira, a brincadeira na beira do proibido, já não causam mais horror moral. Pelo contrário, parecem livre e graciosamente incorporados ao Outro do pedagogo contemporâneo. Talvez seja por isso que temos a nítida impressão de que as crianças atuais são mais inteligentes do que fomos nós mesmos.

Uma maneira de lidar com o inconsciente no cotidiano escolar seria com planejamento e organização, a fim de dar conta da influência do inconsciente no fazer pedagógico, como se evidencia na fala a seguir:

Não. Como a gente tem planejamento, eu faço meu planejamento de diariamente, eu sei sempre o que eu vou trabalhar no momento que eu estou dentro da minha sala. O inconsciente não vai aparecer, ele só vai fazer que eu lembre das coisas que eu tenho que colocar em prática, minha cabeça fica pensando em todas as informações que eu tenho que passar para os alunos. Eu posso esquecer alguma coisa, aí vem aquele pensamento rápido e você joga em sala de aula. (P14)

Neste aspecto, podemos fazer uma confrontação entre a realidade explicitada pelo participante e a fala de Jerusalinsky (1999) quando este fala sobre o saber psicanalítico para pedagogos. Para o autor, há atualmente um maior reconhecimento da importância do saber inconsciente acumulado na linguagem, cuja transmissão não obedece a nenhum planejamento curricular, mas a uma inscrição que se opera a partir das relações primárias e espontâneas. O pedagogo de hoje reconhece, independentemente de atribuir ou não à psicanálise tal inclinação, o valor do equívoco, do lapso, da formação lacunar ou da estratégia que quebra a lógica linear, como possíveis caminhos para a descoberta de novos conhecimentos. A língua não é utilizada meramente no seu valor de código, mas também como espaço de acúmulo de um saber inconsciente.

A verbalização do participante vai exatamente ao revés da percepção do autor, ou seja, a postura e concepção dos participantes da pesquisa estão longe de se configurar tal qual aquela mencionada pelo autor. Cabe a estudos futuros buscar compreender de que forma é possível trilhar o caminho para a construção de um saber e de uma ética profissional docente que se pautem pela consideração do sujeito e do saber inconsciente.

3. Inconsciente como facilitador do processo

A terceira concepção quanto ao inconsciente no cotidiano escolar é como facilitador do processo de ensino-aprendizagem. Ele funciona como uma espécie de registro onde se armazena os conteúdos vistos para os quais o sujeito ainda não tem estruturas de compreensão ou domínio. Os conteúdos ficam guardados até determinado momento propício, em que eles se relacionam e formam uma ideia coerente e compreensível da qual o sujeito pode se apropriar. Aparece relacionado com o insight, conforme se observa na

fala:

(...) tem coisas que nós aprendemos, texto que a gente lê, às vezes a ficha não cai na hora, alguma situação de um debate com professores, mas depois esse inconsciente ... estou falando de inconsciente porque eu acho que ele está muito relacionado com a aprendizagem . Esses estalos que a gente tem é quando nosso inconsciente desperta, parece que aquela luz acende. (E8)

O mesmo participante traz a ideia de que os processos inconscientes podem ser um aspecto relevante a ser considerado no cotidiano escolar na seguinte fala:

Eu acho que sim porque seria mais uma ferramenta, mais um ponto que nós teríamos que olhar. Nós vemos muito as questões sociais, políticas e financeiras, mas ninguém nunca aborda o lado psicológico, o lado do inconsciente. É como estava de falando que nós lemos muito na faculdade, mas aplicar no dia-a-dia só quando a gente acontece alguma coisa conosco. (P8)

Além disso, os conhecimentos sobre este assunto serviriam como uma ferramenta educacional em favor da aprendizagem. Sobre isto, Kupfer (2001) afirma que a Psicanálise pode transmitir ao educador uma ética para a prática educacional. Segundo a qual o encontro entre aquilo que é ensinado e a subjetividade do mundo desejante torna possível o pensamento, a renovação. Para que isso aconteça, é preciso que o educador renuncie em parte o poder de controle que a posição de professor lhe oferece, sem necessariamente abrir mão dele por completo.

Segundo o aporte teórico da psicanálise, a aprendizagem humana é reconstrução a partir de restos ou traços de lembrança, isto é, do que ficou inscrito inconscientemente. E, mesmo quando os traços de lembrança são restos da sexualidade da infância, trata-se de uma inscrição psíquica e não biológica. Processo baseado em ressignificações, que ocorrem de acordo com os mecanismos de defesa e as formações do inconsciente. O inconsciente se manifesta, então, segundo o modo da repetição de um traço que perdura. Essa repetição age até que haja a sua resolução: a resolução é a aprendizagem no sentido psicanalítico, isto é, a ressignificação. (D'AGORD, 2002).

e. Inconsciente: um registro.

Este núcleo evidencia que o inconsciente funciona como uma espécie de registro onde podem ser armazenados diversos tipos de informações para os mais diversos usos no cotidiano, as quais se tem acesso dependendo da ocasião vivenciada e necessidade

apresentada. A fala a seguir evidencia esta concepção:

Na minha concepção ele é um registro. Ele sabe tudo, tudo fica guardado lá. É um tipo de memória, né? Ele funciona como um... Ele guarda as informações. Ainda que eu não me lembre, mas ele sabe que... Depois de muito tempo se eu buscar alguma, alguma mensagem, alguma coisa, o meu inconsciente vai me revelar. (P3)

Dentro desta perspectiva, de acordo com o uso e a forma de expressão do inconsciente, foram sistematizadas três subcategorias: (1) memória comportamental, (2) memória intelectual e (3) memória factual.

1. Memória comportamental

Subcategoria que pensa o inconsciente como desencadeador de ações que foram aprendidas ao longo da vida. Esta concepção atribui ao inconsciente uma função importante, pois ele é quem determina a maneira como o sujeito irá comportar-se em diversos contextos. A cada ação corresponde um registro, numa espécie de aprendizado, que se manifestará posteriormente em situações semelhantes, como evidencia a fala de um dos participantes:

O inconsciente, ele é tudo aquilo que é registrado nas nossas ações, nas nossas atividades que realizamos, né? É... Nós individualizamos, nós realizamos, que nós fazemos, são as ações humanas, né? Ou aprendidas, né? (P4)

Isso ocorre de modo involuntário e quase automático, sem que o sujeito controle este funcionamento. Em determinado contexto, que seja propício, o registro vem à tona em forma de comportamento. A verbalização de um dos participantes explica como seria este funcionamento:

Fica tudo guardado, fica lá guardado, resguardado. Tu sabe que tu tem que colocar aquilo em prática... é, fica resguardado, guardado. O fato é que tu tem que colocar em prática, mas fica lá guardado. De qualquer maneira num determinado momento aquilo vem à tona (P6)

Isso ocorre porque, nesta concepção, o inconsciente pode ser condicionado. Segundo o participante P4, as influências do inconsciente sobre as ações ocorrem devido a *“um processo que foi se adquirindo, foi sendo lapidado, foi sendo condicionado dentro de mim, então criou, colocou isso na minha cabeça, está guardado, está armazenado aqui dentro”*.

Percebe-se que o paciente apropria-se de um conceito de uma vertente da Psicologia, a fim de dar conta de um conceito que ele também relaciona a este campo de saber, porém

não se dá conta que são concepções diferenciadas acerca da formação da personalidade e de subjetividade. Ocasionalmente deste modo, uma pequena confusão entre os conceitos. O participante usa o termo *condicionamento*, conceito da corrente behaviorista, para referir-se ao inconsciente, que é conceito da psicanálise.

Ocorre que são duas concepções divergentes de homem e, conseqüentemente, de aprendizagem. Bock (2006) traz que numa concepção behaviorista, “o que propicia a aprendizagem dos comportamentos é a ação do organismo sobre o meio e o efeito dela resultante”. Ou seja, o ser humano age ou opera sobre o mundo em função das conseqüências geradas por essas ações, o que determina também sua personalidade e a forma deste se relacionar. A Psicanálise, por sua vez, considera que a realidade psíquica de cada sujeito é singular e marcada pela diferença. As personalidades não são fixadas linearmente, pois se entende que os processos de cada um são constituídos por ambigüidades, paradoxos, capturas diferenciadas, não permitindo assim, que delineemos previamente quem é, como é, e como será o aluno. Desta forma, o processo de ensino-aprendizagem pode ser compreendido como marcado pela singularidade do sujeito e, conseqüentemente, pela impossibilidade de se saber tudo sobre ele.

2. Memória intelectual

Nesta subcategoria defende-se a ideia de que uma ação possível do inconsciente é o insight. O processo ocorre da seguinte maneira: o registro dos conteúdos é feito antes mesmo que essas informações façam sentido, lá elas ficam guardadas e vai se acumulando o nível de informações. Até que chega um determinado momento em que, por algum motivo/estímulo ou estado maturacional, todo o conteúdo será associado e processado, consistindo em um conhecimento válido e que vem à consciência de uma forma significativa.

Um participante conta que vivenciou este fato na prática pedagógica:

Eu acredito que seja lá no inconsciente dela e o que nós chamamos de estalo, deu esse estalo nela. É o insight! Parece que tudo aquilo que ela aprendeu veio de uma hora para outra, ela resolveu juntar todo aquele emaranhado de letras e foi quando deu esse insight. (P8)

D’Argord (2002) realizou uma pesquisa com crianças sobre inconsciente na sala de aula em situações de aprendizagem. Por meio dela, chegou à conclusão de que, se num primeiro momento as situações de aprendizagem chamam a atenção pela presença de

formações do inconsciente, como os chistes e os devaneios, num segundo momento percebe-se que o mais significativo é o fato de que a própria forma de construir conhecimento é determinada pelas formações do inconsciente. Isto é, pela irrupção do inconsciente no discurso do falante na forma de uma enunciação que dizia respeito ao desejo inconsciente do sujeito. Da mesma maneira como foi ilustrado na situação vivenciada pelo participante da pesquisa em seu cotidiano profissional.

Além disso, essa função do inconsciente é evidenciada da prática docente, conforme fala um participante ao se referir a uma situação em que o inconsciente atua: *“como eu vou trabalhar o inconsciente, as situações que eu tenho para serem trabalhadas... é claro que dentro de você, você tem alguma coisa que vai te ajudar a responder o momento que você tá querendo”* (P6).

Quanto a isso, Monteiro (2006) defende que a correlação Educação e inconsciente pode oferecer aos pedagogos é uma compreensão relativizada do que é pretensamente idealizado, a priori, em matéria de educar, identificando-se com o discurso psicanalítico o qual apregoa que o não saber faz parte da relação do sujeito com o desejo.

A maneira psicanalítica de compreender a educação está, conforme afirma Monteiro (2005), diretamente relacionada aos aspectos históricos singulares da constituição subjetiva de cada um dos envolvidos no processo ensinar-aprender. Assim sendo, o impacto proporcionado pelo ensino da psicanálise, como qualquer outro, na formação do pedagogo, assume uma ou outra configuração dependendo do sujeito para quem foi dirigido.

3. Memória factual

Esta subcategoria atribui ao inconsciente a função de armazenar fatos vivenciados no passado. Estes fatos são aparentemente aleatórios, um participante afirma: *“Mas eu gravei aquele episódio, não sei o porquê”*.

Acredita-se que esta ideia está apoiada na concepção de inconsciente trazida nas primeiras formulações psicanalíticas acerca do inconsciente. Esse sentido é o resultado de um trabalho classificatório que Freud realizou no início de seus estudos para poder definir o termo inconsciente para a psicanálise. Um elemento psíquico que se encontra presente na consciência pode se tornar ausente no momento seguinte, e novamente presente no outro, ou seja, muitas ideias permanecem presentes na mente, embora estejam latentes na consciência. É neste sentido que se associa a ideia de memórias que ficam constantemente recorrentes, que é bastante evidente neste núcleo.

Há também nesta subcategoria a relação do inconsciente com os sonhos: *“Eu acho*

muito interessante... eu sou assim, louca por essa questão de sonhos, é fundamental, né? e... o inconsciente ele tá lá, pra... a qualquer momento ele me revelar” (P3)

Ideia que pode estar associada com o fato de que foi a partir da investigação sobre o funcionamento dos sonhos, que Freud pode compreender de forma mais abrangente o funcionamento da mente e dos processos conscientes e inconscientes. A ideia de compreensão das camadas mais profundas do psiquismo humano por meio de interpretação de sonhos é uma cena comumente difundida no ideário popular, por meio principalmente do cinema.

É aqui também que aparece a questão dos conflitos mal resolvidos do passado. São ocasiões em que algum desejo não foi atendido ou alguma opinião deixou de ser expressa, ocasionando algum tipo de sofrimento para a pessoa que vivenciou este fato. Este conteúdo aparece posteriormente em forma de flash, conforme afirma o participante P9: *“Eu acho que tem umas atitudes nossas que a gente era muito pequeno, que a gente não lembra e tem um flash num determinado momento da tua vida que tu lembra de uma coisa que te magoou num determinado momento.*

Isso ocorre de modo involuntário, evidenciando sempre que as manifestações do inconsciente estão associadas ao descontrole sobre o funcionamento psíquico.

f. Relação entre sexualidade e inconsciente

Esta subcategoria relaciona expressão do inconsciente com expressão de conteúdos sexuais na escola, em especial comportamentos com tendências homossexuais. Principalmente devido ao fato de que esses comportamentos são expressos por crianças que não possuem ainda a sexualidade desenvolvida plenamente.

O participante P9, ao ser interrogado sobre expressões do inconsciente no corpo escolar, responde que *“Nós temos meninos que... que ainda não se acharam”*. Fala isso fazendo referência a sexualidade, mencionando episódios em que presenciou ou ficou sabendo de comportamentos homossexuais dos alunos, mas que foram extintos na vida adulta. Ou seja, o inconsciente tem uma conotação negativa, pois associa a manifestações sexuais “inadequadas” socialmente. Isso se evidencia ao usar o termo *“perdidos”*. Pode estar relacionado à confusão, conteúdos sexuais misturados e mal resolvidos. Pode ser que o participante pense que tanto o inconsciente quanto a homossexualidade sejam expressões

negativas dentro da escola.

É interessante verificar a condição de exceção em que é posta a homossexualidade, pois ao se referir ao tema, o participante P1 expressa: “*Será que essa menina tem o outro lado, entendeu?*”. Sem contar que são conteúdos constrangedores, pois não se fala do tema em aberto, utiliza-se de expressões como “outro lado” “outra ideia”, não mencionando a homossexualidade, somente dando a entender e assumindo expressão facial constrangida, como se fosse um tabu.

Podemos, neste sentido, lançar um olhar sobre o que traz Oliveira (2008) sobre a sexualidade na escola: “Enquanto participantes do processo de construção identitária, sexualidade e ES [Educação Sexual] se mostraram enlaçadas às descobertas (aprendizado) e ao respeito às diferenças pareadas ao simbolismo moral”.

Cabe ao professor, neste contexto, ter a visão proposta por Cecarelli (2000), que é reconhecer que as manifestações da sexualidade, por mais “desviantes” que possam parecer, traduzem uma criação particular e única de cada sujeito; é lembrar que o aspecto mais notável dos seres humanos é a singularidade psíquica, assim como a genética, de cada um. É também não esquecer que a sexualidade constitui o enigma por excelência do ser humano; que este se escalona em diferentes registros, contendo formas de prazer diversos, múltiplos e, por vezes, inconciliáveis. Tal como Édipo diante da esfinge, a cada um cabe tentar responder ao enigma que sua própria sexualidade lhe impõe – resposta esta que é única como é único cada ser humano.

Significação que perpassa: O inconsciente enquanto algo negativo e relacionado à ideia de controle.

Desenvolveu-se este tópico ao final da discussão com intuito de dar conta de um aspecto global do corpus da pesquisa. Ele não é uma categoria em si, mas traz uma discussão acerca de dois aspectos que foram transversais em todas as categorias apresentadas. São eles: (1) inconsciente sempre como algo negativo e (2) relativo a ações descontroladas. De um modo geral estas concepções são justificadas na ideia de que o termo inconsciente está primariamente ligado à ideia de não estar consciente, de estar “fora de si”, de não saber o que está fazendo, o que acaba por se relacionar no imaginário dos participantes ao conceito de loucura.

Em todas as categorias levantadas o inconsciente foi associado a algum aspecto

negativo. Na (a) história de vida, o inconsciente deve ser controlado por meio do discernimento, planejamento e calma que se adquire com maturidade; (b) em relação ao laço social, o inconsciente pode a qualquer momento ocasionar conflitos interpessoais, seja por conteúdos mal resolvidos do passado, seja por agressividade que é típica do inconsciente; (c) a formação acadêmica deve ter como tema o inconsciente para que os professores possuam subsídios para conseguir lidar e resolver os problemas escolares ocasionados pelo inconsciente; (d) enquanto variável a mais no contexto escolar, foi mencionado constantemente como um problema, onde trouxeram questões como violência, defasagens na aprendizagem etc.; (e) como um registro, ele pode guardar fatos negativos vivenciados no passado, que retornam sempre de um modo violento e (f) no que diz respeito a sexualidade e inconsciente, os dois foram associados e verbalizados como expressões negativas e indesejáveis no cotidiano escolar.

Já que estes aspectos apresentaram-se bastante recorrentes, tentaremos compreender este fenômeno. Inicialmente, um aspecto que pode ser considerado é o significado dicionarizado desta palavra, que provavelmente está arraigado concepção da palavra inconsciente trazida no estudo.

Peguemos então a definição trazida Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa:

Inconsciente: *adj (in+consciente)* **1** Que não é consciente. **2** Praticado sem consciência. **3** Que não tem noção do que faz; irresponsável. *S m+f* Pessoa que não procede com consciência ou conhecimento claro do que faz. *sm Psicol* A parte da nossa vida da qual não temos consciência; subconsciente. *Var erud: incôscio.*

Nesta definição explicita-se que é um termo de negação, formada pelo uso do prefixo *in*, no sentido de negar a consciência. Aparece, além disso, como o substantivo referente à Psicologia, definindo o termo por outro que não é utilizado neste campo do saber (subconsciente). Para compreender o que se está negando, pode ser útil pegar a definição de consciência:

Consciência: *sf (lat conscientia)* **1** Capacidade que o homem tem de conhecer valores e mandamentos morais e aplicá-los nas diferentes situações. **2** *Rel* Testemunho ou julgamento secreto da alma, aprovando ou reprovando os nossos atos. **3** Cuidado extremo com que se executa um trabalho. **4** Honradez, retidão. **5** Conhecimento. **6** *Psicol* Percepção imediata da própria experiência; capacidade de percepção em geral.

Consciência que tem origem latina *conscientia*, aparece com o sentido de “conhecimento próprio, senso moral, noção do que é direito”, de *conscire*, “ser mutuamente alerta”, de *com*, “junto, com”, mais *scire*, “saber, conhecer”. A palavra é

caracterizada de forma positiva, como um aspecto honroso da personalidade, relacionado a valores e mandamentos morais. Neste sentido, o que lhe nega, é tido como aspecto negativo. Inconsciente é então agir de forma errônea devido à falta de consciência, que pode ser momentânea, no sentido de impossibilidade de perceber naquele instante e pode ser permanente, no sentido de ser, como aspecto da personalidade, uma pessoa inconsciente, irresponsável.

O que caracteriza o inconsciente como um problema, podendo mesmo ser relacionado à loucura. Nesta direção é que tomamos uma fala bastante expressiva de um participante:

Ah, eu agi de tal forma porque eu não tava em mim, porque pra mim o inconsciente é não tá, né? no normal, não tá nela, não tá sabendo que eu tou aqui, tanto é que quando a gente bate a cabeça, um exemplo, cai, bate a cabeça, né? aí acorda e não lembra o que acontece, não sabe onde tá. Tá com o inconsciente, mas não de atitude, ai, eu agi porque eu tava inconsciente, só se fosse uma situação dessa, que eu te falei, cáí, bati, na hora realmente, que eu sei que acontece, quando bate a cabeça você não sabe, perde, esquece tudo, não sabe onde tá. (P2)

Os significados evidenciados pelos participantes, de acordo com a perspectiva sócio-histórica, são construídos pelos sujeitos em sua interação com o social. Para Aguiar e Ozella (2006, p. 225) o indivíduo “modifica o social, transforma o social em psicológico e, assim, cria a possibilidade do novo” e, para que esse processo de constituição humana aconteça, a linguagem é instrumento essencial.

Não é possível, deste modo, considerar a palavra e o pensamento como elementos isolados e independentes, é necessário compreendê-los como unidades que retém características próprias do todo, até porque, o significado de uma palavra representa uma ligação tão estreita entre pensamento e linguagem que se torna difícil definir se se trata de um fenômeno da fala ou do pensamento.

Podemos inferir, considerando essa perspectiva, que os significados trazidos pelos participantes estão repletos de complementariedade no que diz respeito aos aspectos cognitivos, emocionais e afetivos.

Quando o inconsciente, trazendo para o contexto escolar, é relacionado a distúrbios, comportamentos inadequados, nos quais “não se percebe o que está fazendo” (P5), é a maneira como os participantes sentem e vivenciam isto na escola. Isto, evidentemente, de forma influenciada pelas formações intelectuais e espontâneas construídas ao longo da vida. Observa-se, então, que os enunciados não se limitam a uma dimensão denotativa, mas que a riqueza das associações expande o tema inicial. Ora, esse processo conotativo

não pode ser considerado nem puramente cognitivo nem puramente emocional ou afetivo. Sabemos apenas que é um processo determinado pela imersão dos sujeitos em um mundo de linguagem.

É possível perceber, ao verificar as associações feitas, que o contexto vivenciado pelos sujeitos da pesquisa representou uma forte influência sobre as verbalizações, pois ao passo que inconsciente no processo de ensino-aprendizagem foi conotado negativamente, muitos outros aspectos negativos do contexto escolar e prática docente foram emergindo. Dentre eles podemos citar: formação docente e continuada, relacionamentos interpessoais, políticas de cargos e salários de professores, problemas sociais, questões estruturais etc.. Sendo em sua maioria, falas que se direcionavam para o descontentamento. Alguns destes aspectos puderam ser considerados pela pesquisa, outros, porém, não puderam ser abarcados dentro dos objetivos propostos inicialmente.

Frente a tantas problemáticas trazidas, a leitura geral das categorias permite perceber que esta ideia de controle funciona também como um bálsamo, os participantes estavam adotando este conceito como uma possível explicação, uma justificativa para os problemas do cotidiano escolar. Constituindo, deste modo, uma tentativa de problematização e elaboração sobre essas temáticas.

Entende-se, portanto, que os sujeitos da pesquisa falam do objeto de estudo por meio do discurso, fala de si enquanto inserido no contexto social e fala da sua relação com o objeto, de modo que tornou possível captar os significados por meio de sua fala, bem como a relação dele com sua prática pedagógica cotidiana, a saber, o processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de realização da pesquisa foi revelando-se bastante interessante no que concerne a formação da acadêmica pesquisadora. O acesso à prática de pesquisa se caracteriza como forma de vivenciar a graduação de modo mais completo, tendo em vista o tripé no qual se baseia a universidade (ensino, pesquisa e extensão). O instrumento utilizado para a obtenção dos dados mostrou-se abrangente no sentido em que permitia que a temática inicial tivesse diversos desdobramentos de acordo com os núcleos de significação construídos pelos sujeitos, o que gerou um corpus de dados bastante abrangente, enriquecendo o conteúdo da análise dos dados. Além disso, o momento da análise dos dados foi bastante rico, pois se caracterizou como um trajeto de discussão que inter-relacionou as teorias consideradas, sem, no entanto, abrir mão das especificidades de cada referencial escolhido.

Foi possível, desse modo, dialogar com a Psicologia Sócio-histórica e a Psicanálise, a fim de lançar um olhar diferenciado e *inter-paradigmático* sobre o processo de ensino-aprendizagem. A primeira serviu para compreendermos, por um lado, que a atividade docente é uma prática social e, por outro, que os fenômenos psíquicos não são um simples reflexo da realidade, mas são desencadeados nas formas pelas quais os indivíduos desenvolvem a sua atividade e as relações sociais. Tendo sempre em vista a compreensão dos sujeitos conforme a concepção psicanalítica de sujeito, enquanto desejante, barrado no acesso ao seu objeto de desejo. De modo que se buscou refletir acerca da inserção do sujeito no campo social e educativo, focalizando as diversas relações entre os modos de subjetivação e os modos de estabelecer laços sociais e as aprendizagens.

Interessou-se, nesse sentido, pelo que está entre as disciplinas, que atravessa as diferentes disciplinas e está além de toda e qualquer disciplina, identificando-se com uma postura transdisciplinar para compreender as vicissitudes inerentes à educação. Nesta linha, verificou-se que os significados são unidades de análise e construções que se relacionam com o cognitivo, o emocional e o afetivo no contexto do processo de ensino-aprendizagem. Tanto é que ao verbalizar os significados sobre o inconsciente no processo de ensino-aprendizagem os participantes trouxeram temas relativos à sua história de vida, fora ou dentro do contexto escolar, vivências afetivas, intelectuais e sociais aos quais os sujeitos se remetem como forma de fortalecer a conceituação.

Inferimos, desse modo, que a transmissão de conhecimentos ocorrente na prática pedagógica não ocorre isoladamente da transmissão de saberes (saberes de vivência

consciente e inconsciente), o que ocorre também de acordo com o evidente fenômeno da transferência presente na relação professor-aluno; o que mostra que a educação ocorre, em conformidade com o aporte teórico da psicanálise, quando o sujeito supõe ao outro o saber sobre seu desejo, atribuindo ao outro o poder de revelar-lhe aquilo que lhe falta; e além de outras coisas, sugere-se uma reflexão em torno da afirmação freudiana sobre a impossibilidade de educar.

No processo de análise, em que se verificou que os participantes associavam a expressão do inconsciente a conteúdos negativos da história de vida e de manifestações incontroladas no cotidiano escolar, evidenciou-se que os participantes demandavam (no sentido mais amplo que se possa compreender desta palavra) ser ouvidos de algum modo em suas inquietações e angústias. Expressando que as condições de trabalho envolvem perda de autonomia e aumento das atividades de trabalho, mostrando-se promotoras de grande desgaste físico, mental e psicológico, as quais têm reflexos negativos sobre os professores, que se sentem cansados com tantas atividades, e com o fato de perderem parte da autonomia de trabalho e, ao mesmo tempo, seu valor social, o que se infere diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

Isto se caracterizou quase como um pedido de socorro, onde os sujeitos mostravam-se desejosos de questionar as condições as quais são sujeitados a trabalhar. Isso mostra o quanto a Educação na cidade de Manaus é um campo de pesquisa bastante amplo, nos mais diversos aspectos. O que gerou também, no pensamento dos pesquisadores, a possibilidade de uso dos dados coletados nesta pesquisa para análise posterior de acordo com objetivos mais amplos relativos ao cotidiano escolar ou outro tema mais abrangente.

Se o acesso à subjetividade do indivíduo ocorre pelas significações apreendidas da realidade, nos aproximarmos, portanto, destas significações, pode nos ajudar a compreender a forma pela qual os participantes compreendem o inconsciente em relação com o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, de que modo isto interfere na sua atividade docente.

No que se refere ao acesso dos docentes ao saber psicanalítico evidenciou-se que este se dá de forma muito incipiente. Os participantes tiveram acesso ao conhecimento da psicanálise em uma disciplina nos semestres iniciais da graduação, ao qual não mais se voltou o olhar. Apesar disso, há o reconhecimento da importância do inconsciente para o processo de ensino-aprendizagem, seja por motivos facilitadores ou impeditivos, há a ênfase na relevância no saber acumulado na linguagem, cuja transmissão não obedece a nenhum planejamento curricular, mas a uma inscrição que se opera a partir das relações primárias e espontâneas.

Há, por parte dos participantes, o reconhecimento, independentemente de atribuir ou não à psicanálise, do valor do equívoco, do lapso, da formação lacunar ou da estratégia que quebra a lógica linear, como possíveis caminhos para a descoberta de novos conhecimentos. Isto evidencia a possibilidade de abertura de novos caminhos na prática docente e em prol do enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, longe de propor uma teorização homogênea e generalista sobre o inconsciente e o processo de ensino-aprendizagem, este trabalho apenas tentou produzir uma zona de inteligibilidade sobre o tema, indicando que a elucidação desse saber prático sobre o inconsciente pode contribuir para o aprofundamento dessa temática no campo do fazer pedagógico no cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria C. & MASETTO, M. T. O professor universitário em aula. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

AGUIAR, W. M. J. & OZELLA, S. (2006) Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26 (2), p. 222-245.

AGUIAR, W. M. J. de. (org.). Sentidos e significados do professor na perspectiva sócio-histórica: relatos de pesquisa. São Paulo. Casa do Psicólogo®, 2006.

BENETTI, C. C., Direcionando um olhar para a subjetividade singular presente no processo de ensino-aprendizagem: um olhar psicanalítico. disponível em . *Ágora* (Rio J.), Rio Grande do Sul, v. 12, n. 1, June 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982009000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Dez. 2010. doi: 10.1590/S1516-14982009000100002.

BENTO, V. Seria a semiologia de Saussure fundamento e justificativa para o método de pesquisa de revisão de literatura em Psicanálise?. *Estud. psicol.* (Campinas), Campinas, v. 23, n. 4, Dec. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2006000400009&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Dez. 2010. doi: 10.1590/S0103-166X2006000400009.

BRANDÃO, Z. (org.). A crise dos paradigmas e a educação. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

BOCK, A. M. A. A Psicologia Sócio- Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In: BOCK, A. M. A.; GONÇALVES, M. G. M. & FURTADO, O. (orgs.). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

D'AGORD, M. O inconsciente na sala de aula. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 5, n.1, June 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982002000100011&lng=en&nrm=iso>. access on 20 Dez. 2010. doi: 10.1590/S1516-14982002000100011.

DIAS, L. Problemas de aprendizagem. São Paulo : Ed. Antroposofica, 2001.

DIAS, G. F. Atividades interdisciplinares em EA. São Paulo: Ed. Global, 1994.

FILHO, N. & ROSA, M. D. Inconsciente e Cotidiano naPrática da Atenção Psicossocial em Saúde Mental. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Jan-Mar 2010, Vol. 26 n. 1, pp. 49-5. São Paulo.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, L. C. de. A internalização da exclusão. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 80, p. 301-327, set. 2002a.

FREUD, A. *O tratamento psicanalítico das crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. 1912. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.149-62. v.12.

_____. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. 1914. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p.281-88. v.12.

_____. Fixação em traumas: o inconsciente. 1917a. Conferências Introdutórias sobre psicanálise. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.323-36. v.16.

_____. Além do princípio do prazer. 1920. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.17-88. v.18.

_____. O mal-estar na civilização. 1930. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p.81-174. v.21.

_____. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: explicações, aplicações e orientações. 1933. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.167-92. v.22.

_____. Análise terminável e interminável. 1937. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.247-88. v.23.

_____. Nota sobre o inconsciente na psicanálise. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro.

_____. Sobre Psicanálise. In S. Freud, *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. 1996. V. 12

GADOTTI, M. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1999.

GADOTTI, M.; FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *Pedagogia: diálogo e conflito*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000

GONZÁLEZ REY, F. L. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. Tradução de Raquel Souza Lobo Guzzo; revisão técnica do autor. São Paulo, Ed. Pioneira Thomson Learning, 2003.

JERUSALINSKY, A. N. O outro do pedagogo. Ou seja, a importância do trauma na educação. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Pub. Interna, n.16. Porto Alegre: 1999.

KLEIN, M. (1955). A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado. In: Inveja e Gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

KUPFER, M. C. Educação para o futuro: psicanálise e educação. São Paulo: Escuta, 2001.

_____. Freud e a educação: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1989.

_____. Freud e a educação, dez anos depois. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Pub. Interna, n.16. Porto Alegre: 1999.

LACAN, J.. O Seminário de Jacques Lacan - Livro 1 Os Escritos Técnicos de Freud. Ed. Zahar, São Paulo, 1987.

_____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Trad. V. Ribeiro. Em: J. Lacan. Escritos (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958) Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1999.

LECLAIRE, S. O país do outro: o inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LURIA, A.R. Pensamento e linguagem: últimas conferências. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MACIEL, M. R. Sobre a relação entre educação e psicanálise no contexto das novas formas de subjetivação. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 9, n. 17, Aug. 2005.

MARIANI B. Subjetividade e imaginário linguístico. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982009000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Dez. 2010. doi: 10.1590/S1516-14982009000100002.

MENDES, A. M. B. Algumas contribuições teóricas do referencial psicanalítico para as pesquisas sobre organizações. Universidade de Brasília. Estudos de Psicologia: vol7. Brasília: 2002.

MINAYO, M. C. S; O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 3° ed. – São Paulo – Rio de Janeiro, HUCITEC – ABRASCO, 1994

MILLOT, C. Freud antipedagogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. Tradução: Ari Roitman.

MIZUKAMI, M.G. N. – Ensino: As abordagens do processo. 1996 – São Paulo. (p. 85 – 102)

MRECH, L. M. O Impacto da Psicanálise na Educação (organizadora). São Paulo: Editora Avercamp, 2005

PATTO, M. H. A produção do fracasso escolar. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

POLI, M. C. Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa. Estilos clin., São Paulo,

v. 13, n. 25, dez. 2008 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282008000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 dez. 2010

QUEIROZ, R. V. N. de. O Diálogo Entre A Psicanálise E A Educação. Disponível em: <http://www.artigonal.com/psicologiaauto-ajuda-artigos/o-dialogo-entre-a-psicanalise-e-a-educacao-1110600.html>. Acesso em 21 de março de 2010. As 15h32min.

RIBAS, A. F. P. – MOURA Lucia S. Abordagem sócio – culturas: algumas vertentes e autores. 2006 p.129 – 138.

SIQUEIRA, D. Relação professor-aluno: uma revisão crítica. Disponível em: [conteudoescola](#). Acesso em 15 de março de 2005.

SZYMANSKI, H. (org.). A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília. Liber Livro Editora, 2004.

VIGOTSKI, L. S. (2000). A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1993). Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes.

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

IDENTIFICAÇÃO

Nome do entrevistador: _____

Nome do entrevistado: _____

Data: ____/____/____ Início: ____h ____m Término: ____h ____m

Local: _____

1. Você já ouviu falar, leu, estudou ou pesquisou sobre o inconsciente?
2. Em sua opinião, o que é inconsciente?
3. Como você pensa que age o inconsciente? De que forma ele atua na vida de uma pessoa?
4. Você acredita que o inconsciente atua nas relações entre as pessoas? E nas relações interpessoais na escola?
5. Em relação as suas ações, sentimentos, opiniões ou afetos, você acredita que estejam sob a influência do inconsciente?
6. Sobre as ações dos alunos, professores e funcionários aqui na escola você acredita que o inconsciente age? De que forma?
7. Você já percebeu algum tipo de manifestação do inconsciente na escola? Se sim, me conte exemplos.
8. Você já se percebeu fazendo ou falando algo que não fizesse total sentido racional, algo que não podia ser compreendido imediata e racionalmente?
9. E quanto aos alunos e funcionários da escola? Você já notou algum comportamento inexplicável ou incompreensível?
10. Você acredita que os professores da escola consideram o inconsciente em suas ações pedagógicas? Por quê?
11. De que forma as ações do PPP da escola poderiam contemplar o inconsciente?
12. Você acredita que um estudo sobre o inconsciente para os professores, pedagogos e gestores poderia gerar alguma mudança na educação ou no processo ensino-aprendizagem? Qual (is)? De que forma?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a)

Vimos através deste, convidá-lo a participar da pesquisa realizada, por grupo de pesquisa em Psicologia, intitulada **Psicanálise e Educação: as possíveis relações entre o inconsciente e o processo de ensino-aprendizagem**. A mesma tem por objetivo construir coletivamente um entendimento sobre os significados atribuídos ao inconsciente e sua possível relação com o processo de ensino-aprendizagem.

A participação é voluntária. A entrevista será audiogravada. Caso você aceite participar, solicitamos que nos autorize a usar as informações que forem gravadas. Só os pesquisadores envolvidos neste projeto terão acesso a estas informações. Quando for publicado, dados como nome, profissão, local de moradia e afins não serão divulgados. Acredita-se que talvez maior benefício desta pesquisa seja a construção em conjunto de ações que visem melhorias no estabelecimento de relações levando em consideração o inconsciente e suas ações no cotidiano escolar.

As perguntas que vamos fazer não pretendem trazer nenhum desconforto ou risco, já que é sobre sua experiência, sobre a forma como você compreende o processo de ensino aprendizagem e a influência do inconsciente neste. Informamos que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma, sem que isto lhe cause quaisquer danos moral ou material. Pode, também, fazer qualquer pergunta sobre a pesquisa aos nossos pesquisadores.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aceitar participar do estudo, solicitamos a assinatura do mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder. Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca deste estudo poderá ser obtido junto aos pesquisadores, no caso com a discente *Fernanda Priscilla Pereira da Silva* na Rua 13 de Maio, 42. Colônia Terra Nova, pelos telefones: 9107-7074 ou 3654-3663 ou ainda pelo e-mail ferd_preta@hotmail.com ou com o Prof. Msc. *Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira* (orientador) no endereço Rua General Rodrigo Otávio, nº 3000 Campus Universitário, Coroado I ou pelos telefones 8413 4343 ou 3634 8762 ou ainda pelo e-mail sergiosocrates@hotmail.com

Eu, Sr(a), RG:, fui informado(a) sobre a pesquisa “**Psicanálise e Educação: as possíveis relações entre o inconsciente e o processo de ensino-aprendizagem**” realizada pela aluna do Curso de Psicologia da UFAM *Fernanda Priscilla Pereira da Silva*, orientada pelo Prof. Msc. *Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira*, e concordo em participar da mesma e que os dados que eu forneci na entrevista sejam usados nesta pesquisa.

Manaus,/...../.....

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador



Impressão dactiloscópica no caso de não saber escrever